TIMOTHY KELLER

Autor best-seller do *The New York Times*



# O DEUS PRÓDIGO

DESCUBRA A ESSÊNCIA DA FÉ CRISTÃ NA PARÁBOLA MAIS TOCANTE DE JESUS

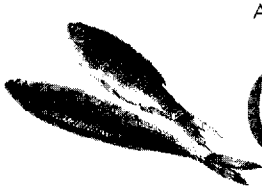


THOMAS NELSON
BRASIL

# O DEUS PRÓDIGO

TIMOTHY KELLER

Autor best-seller do *The New York Times*



# O DEUS PRÓDIGO

DESCUBRA A ESSÊNCIA DA FÉ CRISTÃ
NA PARÁBOLA MAIS TOCANTE DE JESUS

TRADUZIDO POR

André Jenkino

THOMAS NELSON BRASIL
Rio de Janeiro – 2010

Título original
*The Prodigal God*

Copyright © 2008 por Timothy Keller
Copyright da tradução© Vida Melhor Editora S.A., 2010

| | |
|---|---|
| Editor responsável | *Julio Silveira* |
| Supervisão Editorial | *Clarisse de Athayde Costa Cintra* |
| Produtora Editorial | *Fernanda Silveira* |
| Capa | *Douglas Lucas* |
| Tradução | *André Jenkino* |
| Revisão | *Margarida Seltmann* |
| | *Magda de Oliveira Carlos* |
| | *Cristina Loureiro de Sá* |
| Projeto gráfico e diagramação | *Julio Fado* |

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K38D

Keller, Timothy J., 1950-
O Deus pródigo: descubra a essência da fé cristã na parábola mais tocante de Jesus / Timothy Keller; tradução André Jenkino. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010.

Tradução de: The prodigal God
ISBN 978-85-7860-101-0

1. Filho Pródigo (Parábola). 2. Bíblia. N. T. Lucas XVI, 11-32 - Crítica, interpretação, etc. 3. Cristianismo. I. Título.

10-2030.

CDD: 226.806
CDU: 27-317.3

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora S.A.
Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21402-325
Tel.: (21) 3882-8200 Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

Para
Edmund P. Clowney
e meus outros mentores

# Sumário


Introdução 9

A parábola 17

Capítulo 1. O povo ao redor de Jesus: 23
"*Todos se reunindo para ouvi-lo*"

Capítulo 2. Os dois filhos perdidos: 35
"*Um homem tinha dois filhos*"

Capítulo 3. Redefinindo o pecado: 49
"*Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço*"

Capítulo 4. Redefinindo a perdição: 71
"*O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar*"

Capítulo 5. O verdadeiro irmão mais velho: 99
"*Meu filho, tudo o que tenho é seu*"

Capítulo 6. Redefinindo a esperança: 119
"*Foi para uma região distante*"

Capítulo 7. O banquete do pai: 137
"*Ouviu a música e a dança*"

**pró-di-go / pr'odigu – adjetivo**

1. *perdulário inconsequente*

2. *aquele que tudo gasta*

# Introdução

Este pequeno livro pretende fazer uma exposição dos princípios básicos da mensagem cristã, o evangelho. Ele pode, assim, servir como introdução à fé cristã para aqueles que não estão familiarizados com tais ensinamentos ou que deles se tenham desviado por algum tempo.

Não obstante, este volume não se destina apenas àqueles que buscam. Muitos cristãos de longa data acreditam conhecer de forma razoável os fundamentos da fé cristã e acham que não precisam de uma cartilha. Ainda assim, um dos sinais que evidenciam a falta de compreensão da natureza única e radical do evangelho é o sentimento de já conhecê-lo. Por vezes, membros antigos da igreja de longa data se veem tão tocados e tão revirados por uma nova compreensão da mensagem cristã que afirmam terem sido, essencialmente, "reconvertidos". Este livro, portanto, foi escrito tanto para curiosos alheios quanto para iniciados na fé, tanto para os que Jesus chama "irmãos mais novos" quanto para os chama-

dos "irmãos mais velhos" da famosa Parábola do Filho Pródigo.

Recorro a essa conhecida história, encontrada no décimo quinto capítulo do evangelho de São Lucas, para chegar ao cerne da fé cristã. O enredo e o *dramatis personae* da parábola são demasiado simples. Havia um pai e seus dois filhos. O mais novo reclama sua parte da herança, recebe-a e, de imediato, parte para uma terra distante onde gasta toda a soma com prazeres frívolos e sensuais. Penitente, retorna pará casa e, para sua surpresa, é recebido de braços abertos por seu pai. Tal recepção causa grande indisposição e ira no irmão mais velho. A história se encerra com o pai apelando para que o primogênito se junte às boas-vindas e ao perdão para com seu irmão mais novo.

À primeira vista, a narrativa não é tão emocionante. Creio, no entanto, que se os ensinamentos de Jesus fossem comparados a um lago, essa famosa Parábola do filho pródigo seria um dos pontos de maior clareza do lago, onde se pode enxergar toda a sua extensão até o leito. Muitos estudos excelentes já foram produzidos em relação a esse texto bíblico ao longo dos anos, mas a essência da compreensão que

dele tive proveio de um sermão que ouvi, há mais de trinta anos, feito pelo Dr. Edmund P. Clowney. Ouvir tal sermão mudou a maneira com que eu compreendia o Cristianismo.[1] Ao longo dos anos, muitas foram as vezes em que me voltei para a parábola em busca de orientação e aconselhamento. Já vi mais pessoas se sentirem encorajadas, iluminadas e amparadas por essa passagem, quando expliquei a ela seu verdadeiro significado, do que com qualquer outro texto.[2] Certa vez, estava em viagem e preguei esse sermão, bem como alguns outros, com a ajuda de um intérprete. Algum tempo depois, o tradutor escreveu para me contar que, conforme traduzia o sermão, percebia que a parábola era como uma flecha apontada para seu próprio coração. Depois de um período de dúvidas, o sermão acabou por levá-lo à fé em Cristo. Muitas outras pessoas já me disseram que, ao realmente compreender esse relato de Jesus, conseguiram recuperar a fé, o casamento e, por vezes, literalmente, suas próprias vidas foram salvas.

Os primeiros cinco capítulos serão dedicados a desvendar o sentido básico da parábola. No sexto

capítulo, demonstrarei como a história nos ajuda a compreender a Bíblia como um todo; e o capítulo 7 tratará de como esse ensinamento se aplica ao modo com que vivemos no mundo.

Não usarei o nome mais comum dessa história — a Parábola do filho pródigo. Não é correto enfocar apenas um dos filhos da história. Nem mesmo Jesus a chama "Parábola *do* filho pródigo"; ele começa dizendo que "*um homem tinha dois filhos*". A narrativa trata tanto do irmão mais velho quanto do mais novo, assim como também o faz em relação ao pai e aos dois filhos. Além do mais, o que Jesus fala acerca do filho mais velho é uma das mensagens mais importantes que a Bíblia nos fornece. Desse modo, a parábola talvez fosse melhor intitulada "Os dois filhos perdidos".

O termo "pródigo" não significa "rebelde", mas, de acordo com o Dicionário Merriam-Webster, *perdulário inconsequente*. Significa gastar até não sobrar nada. Desse modo, o termo é apropriado para descrever tanto o pai quanto o filho mais novo da história. As boas-vindas do pai ao filho penitente foi,

de fato, negligente, uma vez que ele se recusava a "reconhecer" ou a apontar os pecados do filho, ou mesmo a exigir uma reparação. Tal reação ofendeu o filho mais velho e muito provavelmente a comunidade local. Mas é do Pai celestial que Jesus trata na história. São Paulo escreve: "*Deus em Cristo reconciliava-se com o mundo, não imputando aos homens suas transgressões*" (2 Coríntios 5:19 American Standard Version – tradução livre). Jesus assim nos mostra o Deus de Abundância, que nada mais é que pródigo em relação a nós, seus filhos. A graça inconsequente de Deus é nossa maior esperança, uma experiência renovadora e o tema deste livro.

# A parábola

Lucas 15:1-3,11-32

Todos os publicanos e "pecadores" estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: "Este homem recebe pecadores e come com eles." Então Jesus lhes contou esta parábola:

"Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: 'Pai, quero a minha parte da herança.' Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles.

Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. Caindo em si, ele disse: 'Quantos empregados de meu pai têm comida de

sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados.'

A seguir, levantou-se e foi para seu pai. Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou. O filho lhe disse: 'Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho.' Mas o pai disse aos seus servos: 'Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrar-nos. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado.' E começaram a festejar o seu regresso.

Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança. Então chamou um dos servos e perguntou-lhe

o que estava acontecendo. Este lhe respondeu: 'Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo.'

O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai: 'Olha! Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!'

Disse o pai: 'Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas nós tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado'."

(Nova Versão Internacional, modificada)

# Capítulo 1

## O POVO AO REDOR DE JESUS

*"Todos se reunindo para ouvi-lo"*

## Dois tipos de pessoas

A MAIOR PARTE DAS INTERPRETAÇÕES dessa parábola se concentra na súplica e no retorno do filho mais novo — o "Filho pródigo". No entanto, tais interpretações negligenciam a verdadeira mensagem da história, uma vez que há dois filhos, cada um representando uma maneira de permanecer alienado de Deus, e cada um representando diferentes modos de se buscar a aceitação no Reino dos Céus.

É de extrema importância notar a ambientação histórica que o autor provê para o ensinamento de Jesus. Nos primeiros dois versículos do capítulo, Lucas ressalta que havia dois grupos de pessoas que se reuniam para ouvir Jesus. Primeiro, havia os "*publicanos e pecadores*". Esses homens e mulheres correspondem à figura do irmão mais novo. Tais pessoas não observavam nem as leis morais da Bíblia nem as regras da pureza cerimonial seguidas pelos judeus religiosos; seguiam "*vivendo irresponsavelmente*".

Como o irmão mais novo, "saíram de casa" ao abandonar a moralidade tradicional de suas famílias e da sociedade respeitável. O segundo grupo de ouvintes consistia dos "*fariseus e os mestres da lei*", que eram representados pelo irmão mais velho. Tal grupo se prendia à moralidade tradicional de sua criação. Eles estudavam e obedeciam às Escrituras. Também adoravam com muita fé e oravam com frequência.

Com grande economia de palavras, Lucas nos mostra quanto as reações dos dois grupos a Jesus diferiam entre si. O aspecto progressivo do verbo grego traduzido como "*se reunindo*" implica que a atração dos irmãos mais novos por Jesus era um padrão recorrente em seu ministério. Essas pessoas se reuniam com frequência ao seu redor. Tal fenômeno intrigava e irritava os defensores da moral e da religião da época. Lucas sintetiza a reclamação deles: "*Este homem recebe pecadores e [até mesmo] come com eles.*" No Antigo Oriente Próximo, sentar-se e comer com uma pessoa era uma mostra de aceitação. "Como Jesus ousa estender a mão para os pecadores assim?", diziam. "Essas pessoas nunca frequentam *nossos* serviços! Por que seriam atraídas pelos ensinamentos de Jesus? Ele

jamais poderia proclamar a eles a verdade do mesmo modo com que o fazemos. Ele deve estar dizendo a eles apenas o que querem escutar!"

Para quem é dirigido o ensinamento de Jesus nessa parábola? Para o segundo grupo, formado por escribas e fariseus. Jesus começa a contá-la em resposta à atitude dos irmãos mais velhos. A parábola dos dois filhos realiza uma análise aprofundada da alma do irmão mais velho, culminando com um pedido para que ele mude seu coração.

Ao longo dos séculos, quando esse texto é ensinado na igreja ou em programas de ensino religioso, a ênfase recai quase sempre em como o Pai generosamente recebe o filho mais novo penitente. Na primeira vez em que ouvi essa parábola, imaginei os olhos dos seguidores originais de Jesus transbordando de lágrimas conforme ouviam sobre como Deus sempre os amaria e os receberia, sem se preocupar com as ações passadas. Mas estaremos cedendo ao sentimentalismo se assim procedermos com a parábola. Os alvos dessa história não são os "pecadores renitentes", mas as pessoas religiosas que fazem de tudo para obedecer à Bíblia. Jesus suplica não ape-

nas aos intrusos imorais, mas também aos membros moralistas. Ele deseja revelar a essas pessoas a própria cegueira, mesquinhez e todo o farisaísmo, e como essas características estavam destruindo tanto suas almas quanto a vida das pessoas ao seu redor. É um erro, portanto, pensar que Jesus conta essa história com o objetivo primeiro de garantir aos irmãos mais novos seu amor incondicional.

Não, os ouvintes inaugurais não se derramaram em lágrimas ao ouvir a história, mas se sentiram, antes, atingidos em cheio, ofendidos e enfurecidos. O propósito de Jesus *consistia* não em aquecer os corações, mas em desfazer a divisão existente. Com essa parábola, Jesus desafia aquilo que quase todos sempre pensaram a respeito de Deus, do pecado e da salvação. A história revela a teimosia autodestrutiva do irmão mais novo, mas também condena veementemente o estilo de vida do irmão mais velho. Jesus está dizendo que tanto o religioso quanto o descrente estão espiritualmente perdidos, que ambos os estilos de vida são um beco sem saída e que todo e qualquer pensamento que a raça humana teve em relação a como se ligar a Deus, até então, fora mero engano.

## Por que as pessoas gostam de Jesus mas não da Igreja?

Tanto o irmão mais velho quanto o mais novo estão hoje entre nós, na mesma sociedade em que vivemos e, muitas vezes, em nossas próprias famílias.

Muito acontece de o filho mais velho de uma família ser o que mais agrada aos pais, de ser o responsável, o que obedece e reforça os costumes dos pais. Os filhos mais novos tendem a ser mais rebeldes, espíritos livres que preferem a companhia e a admiração de seus pares. O primogênito cresce, arranja um trabalho convencional e cria raízes perto da Mamãe e do Papai, enquanto o irmão mais novo prefere viver nos bairros tumultuados e mais badalados.

Essas diferenças naturais e emocionais foram acentuadas em tempos mais recentes. No começo do século XIX, a industrialização fez surgir uma nova classe média — a *burguesia* — que buscava atingir a legitimidade por meio de uma ética que consistia em trabalho árduo e retidão moral. Em resposta à hipocrisia e à rigidez notáveis da burguesia surgiram várias comunidades de *boêmios*, podendo-se citar desde

a Paris de Henri Murger, em 1840, passando pelo Grupo de Bloomsbury londrino e pela geração Beat, surgida em Greenwich Village, até o cenário *indie rock* dos dias atuais. Os boêmios enfatizam o desapego às convenções e a autonomia pessoal.

Em certa medida, as assim chamadas "guerras culturais" encenam esses mesmos impulsos e comportamentos conflitantes na sociedade moderna. Cada vez mais as pessoas se consideram irreligiosas ou mesmo contra as religiões. Tais pessoas acreditam que as questões morais são altamente complexas e, por isso, suspeitam de qualquer indivíduo ou de qualquer instituição que alegue ter autoridade moral sobre a vida de terceiros. Apesar (ou, talvez, como causa) do surgimento desse espírito secular, também tem havido um aumento nas fileiras dos movimentos religiosos conservadores e ortodoxos. Alertados pelo que percebem como um massacre do relativismo moral, muitos se organizam para "resgatar a cultura", assumindo uma postura negativa em relação aos irmãos mais novos, assim como fizeram os fariseus.

Mas de que lado está Jesus? Na trilogia *O senhor dos anéis*, quando os hobbits perguntam ao ancião

Barbárvore de que lado ele está, ouvem esta resposta: "Não estou totalmente do lado de ninguém, porque ninguém está totalmente do meu lado (...) E há algumas coisas, é claro, de cujo lado eu absolutamente não estou."[3] A resposta que Jesus dá para essa mesma pergunta por meio da parábola é bastante similar. Ele não se coloca ao lado nem do irreligioso nem do religioso; em vez disso, aponta que o moralismo religioso é uma condição de morte espiritual.

É difícil perceber isso hoje, mas quando o Cristianismo surgiu no mundo, não era considerado religião. Era uma não religião. Imagine os vizinhos dos primeiros cristãos questionando-os em relação a sua fé: "Onde está seu templo?", eles perguntariam, ao que os cristãos responderiam afirmando não terem templos. "Como isso é possível? Onde trabalham seus sacerdotes?" Responderiam os cristãos que não os tinham. "Mas... mas...", engasgariam os vizinhos, "Onde são feitos os sacrifícios para agradar aos seus deuses?", ao que ouviriam dos cristãos que não mais faziam sacrifícios. Jesus em pessoa era o templo que colocaria fim a todos os templos, o sacerdote que findaria todos os sacerdotes, e o sacrifício que substituiria todos os sacrifícios.[4]

Ninguém jamais ouvira algo semelhante. Assim, os romanos os chamaram "ateus", uma vez que o discurso dos cristãos sobre a realidade espiritual era único e não podia ser classificado segundo qualquer outra religião do mundo. A parábola em questão explica por que os romanos estavam absolutamente corretos ao chamá-los ateus.

A ironia de tudo isso não deve ser desvalorizada por nós, enquanto travamos as modernas guerras de culturas. Para a maior parte das pessoas de nossa sociedade, o Cristianismo *é* religião e moralismo. A única alternativa a ele (além de outras religiões) é o secularismo plural. Mas no início não era assim. O Cristianismo era considerado um *tertium quid*, algo completamente diferente.

O ponto central aqui é que, de modo geral, as pessoas que observavam a religião se sentiram ofendidas por Jesus, mas as pessoas alheias à observação moral e religiosa se sentiram intrigadas e atraídas por ele. Vemos o mesmo acontecer nos relatos sobre a vida de Jesus contidos no Novo Testamento. Em todos os exemplos em que Jesus se depara com uma pessoa religiosa e uma rejeitada por motivo sexual (como em Lucas 7), ou por motivo racial (como em João

3-4), ou por motivo político (como em Lucas 19), é sempre a pessoa rejeitada que se identifica com Jesus, como não acontece com o tipo que caracteriza o irmão mais velho. Diz Jesus aos respeitáveis líderes religiosos: "*Os publicanos e as prostitutas estão entrando antes de vocês no Reino de Deus*" (Mateus 21:31).

Com frequência, os ensinamentos de Jesus atraíam as pessoas não religiosas enquanto ofendiam as pessoas que criam na Bíblia, os religiosos da época. No entanto, no geral, nossas igrejas de hoje não causam o mesmo efeito. Os tipos de excluídos que Jesus atraía não são atraídos pelas igrejas contemporâneas, mesmo as mais progressistas. Tendemos a atrair pessoas conservadoras, convencionais e moralistas. Os liberais e libertinos, ou os marginais e humilhados, evitam as igrejas. Tal fenômeno só pode ter um significado: se a pregação de nossos ministros e o serviço de nossos paroquianos não têm o mesmo efeito sobre as pessoas que Jesus tinha, então provavelmente não estamos proclamando a mesma mensagem de Jesus. Se nossas igrejas não causam apelo algum aos irmãos mais novos, provavelmente devem estar mais repletas de irmãos mais velhos do que gostaríamos.

# Capítulo 2

## Os dois filhos perdidos

*"Um homem tinha dois filhos"*

## O filho mais novo perdido

A HISTÓRIA QUE JESUS conta seria mais bem intitulada como "A parábola dos dois filhos perdidos". É um drama em dois atos, sendo o primeiro ato chamado "O filho mais novo perdido" e o segundo, "O filho mais velho perdido".

O primeiro ato começa com um pedido breve, porém chocante. O filho mais novo vai ao pai e pede: "*Quero a minha parte da herança.*" Os que primeiro ouviram a parábola ficaram surpresos com tal pedido. Não que houvesse algo impróprio na expectativa do filho em relação à riqueza da família; naquele tempo, quando um pai morria, o filho mais velho recebia o dobro do que os outros filhos tinham de partilhar. Se um pai tivesse dois filhos, o mais velho receberia dois terços da herança, e o mais novo receberia o terço restante.

No entanto, essa partilha dos bens só acontecia após a morte do pai. Aqui, o filho mais novo pede para receber a herança *de imediato*, o que era um sinal de

profundo desrespeito. Fazer tal pedido a um pai que estava vivo era quase como desejar que ele morresse. O filho mais novo pedia, essencialmente, pelas posses de seu pai, mas não pelo pai em si. O relacionamento com o pai era apenas um meio de atingir o objetivo de desfrutar da herança dele, mas agora o filho se havia cansado de tal relação. Ele queria partir. Naquele momento. "Dê-me o que é meu." A resposta do pai é ainda mais surpreendente que o pedido. Tratava-se de uma sociedade absolutamente patriarcal, em que generosas expressões de deferência e de respeito pelos mais velhos, em particular pelos próprios pais, eram de extrema importância. Esperava-se que um pai tradicional do Oriente Médio respondesse a tal expectativa com a expulsão do filho da instituição familiar, levando nada além de golpes físicos. Mas o pai não faz nada que se assemelhe a isso. Simplesmente "*repartiu sua propriedade entre eles*". Para compreender o significado desse ato, devemos notar que a palavra grega aqui traduzida como "propriedade" era *bios*, que significa "vida". Uma palavra que melhor denotasse capital poderia ser usada, mas não o foi. Por que não?

A riqueza desse pai consistia basicamente de sua propriedade, e para alcançar um terço do valor avaliado seria preciso vender grande parte de suas terras. Em nossa cultura urbanizada e de mobilidade, não compreendemos a relação que as pessoas de gerações anteriores tinham com suas propriedades. Vejamos uma frase do musical *Oklahoma!*, de Rogers e Hammerstein: "Oh, sabemos que pertencemos à terra, e a terra a que pertencemos é grande!" Note que a frase não diz que a terra pertence a quem fala, mas que o *falante* pertence à terra. Essa frase sintetiza a noção de como a identidade das pessoas, no passado, estava ligada ao local de origem, à terra. Perder parte de sua propriedade equivale a perder parte de si mesmo, e uma grande parte de seu conceito perante a comunidade. Todos nós conhecemos histórias de dirigentes de empresas poderosos e bem-sucedidos, tanto homens quanto mulheres, que abrem mão de suas carreiras para cuidar de crianças enfermas e necessitadas. Apesar de não ser um paralelo exato, é isso o que faz o pai.

O filho mais novo, então, pede para que o pai reparta sua própria vida. E o pai assim procede,

por amor a seu filho. A maior parte dos ouvintes de Jesus jamais veria um patriarca do Oriente Médio responder de tal maneira. O pai suporta com enorme paciência a tremenda perda de honra, bem como a dor de ter seu amor rejeitado. Geralmente, quando nosso amor é rejeitado, ficamos bravos, fazemos retaliações e tudo quanto possível para diminuir a afeição sentida pela pessoa que nos rejeita, para aliviar a dor sentida. Mas o pai sustenta a afeição pelo filho e suporta toda a agonia.

## O plano do filho mais novo

Passemos agora para a segunda cena do primeiro ato. O filho parte para "*uma região distante*" e desperdiça tudo o que tem por causa de seu estilo de vida descontrolado. Quando está literalmente com a cara na lama, em meio aos porcos, ele acaba "*caindo em si*", e traça um plano. Primeiro, diz para si mesmo, ele irá retornar para a casa do pai e admitir que estava errado e que perdera o direito de ser seu filho. Depois, tenciona pedir ao pai: "*Trata-me como um dos teus empregados.*"

O pedido é um tanto particular. Os servos trabalhavam na propriedade e ali viviam. Mas os "empregados" consistiam de vários homens do comércio e de artesãos que viviam em vilas e recebiam salário. Muitos estudiosos acreditam que a estratégia do filho era mais ou menos essa. O filho mais novo havia desgraçado sua família e, portanto, toda a comunidade. Ele estava "*morto*" para eles, como descreve o Pai. Os rabinos ensinavam que, quando uma norma da comunidade era violada, pedidos de desculpas não eram suficientes — nesses casos, era necessária alguma restituição. O filho planeja dizer: "Pai, sei que não tenho o direito de voltar à família. Porém, se você me fizer aprendiz de um empregado seu, então poderei aprender uma profissão e ganhar um salário, para, ao menos, começar a pagar minha dívida." Era esse o plano. Em meio ao chiqueiro, o filho mais novo ensaia seu discurso. Quando ele se sente pronto para o encontro, prepara-se e começa a viagem de volta para casa.

Chegamos à última e dramática cena do primeiro ato. O filho mais novo se aproxima da casa, ficando ao alcance da vista. O pai o vê e corre, corre em sua direção! Como regra geral, os patriarcas dis-

tintos do Oriente Médio não corriam. As crianças podiam correr; as mulheres podiam correr; os rapazes podiam correr. Mas não o *pater familias*, o honrado pilar da comunidade, o dono da grande propriedade. Ele jamais levantaria a túnica e mostraria as pernas nuas, como um garoto qualquer. Mas esse pai o fez. Ele corre em direção ao filho e, abertamente mostrando suas emoções, se joga sobre ele, beijando-o.

Com certeza essa atitude pega o filho mais novo de surpresa. Desconcertado, ele tenta explicar todo o plano traçado para a restituição. O pai o interrompe, não só ignorando o discurso ensaiado, mas também o contradizendo imediatamente. "*Depressa!*", grita aos servos, "*Tragam a melhor roupa e vistam nele!*" Mas o que ele quer dizer com isso?

A melhor roupa da casa teria de ser a própria roupa do pai, um sinal inequívoco da posição restaurada da família. O pai está dizendo: "Não irei esperar até que você pague sua dívida; não irei esperar até que você se humilhe o suficiente. Você não vai ter de lutar por seu lugar na família, irei simplesmente aceitá-lo de volta. Cobrirei sua nudez, sua pobreza e seus trapos com as roupas de meu trabalho e de minha honra."

Ele ordena que os servos preparem um banquete de celebração com "*o novilho gordo*" como prato principal. Naquela sociedade, a maior parte das refeições não incluía carne, que era uma iguaria cara. A carne era quase sempre reservada para festas e ocasiões especiais. Mas nenhuma carne era mais cara do que a de um novilho gordo. Tal banquete costumava acontecer apenas nas mais raras ocasiões, e é provável que toda a aldeia estivesse convidada. O boato logo se espalhou e logo o banquete estava a pleno vapor, com música e dança, todos celebrando a devolução do filho mais novo à vida, à família e à comunidade.

Mas que cena! O Pai ainda terá de lidar com a situação espiritual muito mais complicada e entorpecida do filho mais velho no segundo ato. Mas o primeiro ato já desafia a mentalidade dos irmãos mais velhos com uma mensagem surpreendente: o amor e a clemência de Deus podem perdoar e restaurar todo e qualquer pecado ou transgressão. Não importa quem você é ou o que você fez. Não importa se você deliberadamente oprimiu ou até mesmo matou alguém, ou o quanto você abusou de si mesmo. O filho mais novo sabia que na casa de seu pai havia "*comida de sobra*", mas acabou

descobrindo que havia também graça de sobra. Não há mal que o amor do pai não possa perdoar e compensar, não há pecado que seja páreo para a graça dele.

O primeiro ato, assim, demonstra toda a prodigalidade da graça de Deus. Jesus descreve o Pai precipitando-se cheio de amor até seu filho, não apenas antes de ele ter uma chance de se redimir e de demonstrar mudanças em seu coração, mas mesmo antes de ele recitar o discurso de arrependimento. Nada, nem mesmo o arrependimento abjeto pode merecer o perdão de Deus. O amor e o acolhimento do Pai são absolutamente gratuitos.

Não obstante, nem toda a beleza do primeiro ato serve para sustentá-lo. Há muitos estudiosos que, focando-se exclusivamente no primeiro ato, concluem que a parábola contradiz a doutrina cristã tradicional. "Vejam," dizem, "não há qualquer menção à expiação pelo pecado. Não há explícita a necessidade de um salvador na cruz que pague pelo pecado. Deus é um Deus de amor universal que aceita, incondicionalmente, qualquer pessoa, sem importar o passado."

Mas se fosse essa a mensagem, Jesus teria encerrado aí a narrativa. Mas ele não o fez, pois ela não

é a mensagem. Enquanto o primeiro ato nos mostra a gratuidade da graça de Deus, o segundo ato irá nos mostrar o preço dessa graça e o verdadeiro clímax da história.

## O filho mais velho perdido

Quando o filho mais velho ouve dos servos que o irmão mais novo retornou e foi readmitido por seu pai, ele fica furioso. Agora, será a vez de ele desgraçar o pai.

Ele se recusa a participar do que talvez seja o maior banquete e o maior evento público jamais realizado pelo pai. Ele fica do lado de fora, publicamente demonstrando que não aprova as ações de seu pai. Essa atitude força o pai a sair para ter com seu primogênito, algo degradante para se fazer quando se é o senhor das terras e anfitrião do grande banquete. O pai suplica para que o filho mais velho participe, mas este continua a se recusar.

Mas por que o filho mais velho fica tão furioso? Ele se mostra especialmente perturbado pelo custo de tudo o que está acontecendo. Diz: "Você ja-

mais me deu um cabrito que seja para festejar, como ousa dar a ele o novilho?" O novilho gordo é apenas um símbolo; entretanto, já que a soma do que o pai fez fora muito mais custosa que o novilho. Ao admitir novamente o filho mais novo na família, o pai o torna novamente um herdeiro, com direito a um terço da (agora bastante reduzida) riqueza da família. E tal fato é absolutamente irresponsável aos olhos do primogênito. E ele continua a elencar motivos: "Eu me matei de trabalhar para merecer o que tenho, mas meu irmão *nunca* fez nada para merecer coisa alguma; em verdade, ele mereceu apenas sua expulsão e, no entanto, você o cobre de riquezas! Onde está a justiça em tudo isso?" É por isso que o filho mais velho se refere a seus próprios feitos. "*Nunca desobedeci às tuas ordens!* Portanto, tenho direitos!", diz ele. "Eu mereço ser consultado em relação a tudo isso! Você não tem o direito de tomar essa decisão sozinho."

E assim, a fúria do filho mais velho o leva a insultar seu pai ainda mais. Ele se recusa a se dirigir ao pai com os modos respeitosos que se deviam aos superiores naquela cultura, especialmente quando em público. Ele não diz "estimado pai", mas simplesmen-

te "*Olha!*", o que equivaleria a um "Escuta aqui!" Em uma cultura onde o respeito e deferência aos mais velhos eram tão importantes, tal comportamento seria inaceitável. Um equivalente nos dias de hoje seria um filho escrever uma biografia escandalosa, que arruinasse a reputação e a carreira do pai.

Por fim, chegamos ao desenlace. Como o pai irá responder à rebeldia declarada do filho mais velho? O que irá fazer? Um contemporâneo e conterrâneo desse pai talvez deserdasse o filho na hora. Em vez disso, o pai responde novamente com incrível ternura: "*Meu filho*", começa, "Apesar de você ter me insultado em público, ainda quero que você participe do banquete. Não deserdarei seu irmão, mas também não quero deserdá-lo. Eu o desafio a engolir o orgulho e a participar do banquete. A escolha é sua. E então, você vem, ou você fica?" É um apelo inesperadamente gracioso e dramático.

Os ouvintes de Jesus ficam na ponta de seus assentos. Será que a família finalmente se reunirá, retornando à unidade e ao amor? Os irmãos se reconciliarão? Conseguirá o filho mais velho ser amolecido pela incrível súplica, reconciliando-se com o pai?

Exatamente quando todos esses pensamentos nos passam pela cabeça, a história termina! Mas por que Jesus não termina a história e nos conta o que aconteceu?! É porque o verdadeiro público dessa história eram os fariseus, os irmãos mais velhos. Jesus pede que seus inimigos respondam à sua mensagem. Qual é a mensagem? A resposta para essa pergunta surgirá conforme avançamos pelos próximos capítulos, procurando entender os pontos principais que Jesus queria que fossem aprendidos. Para resumir, Jesus redefine tudo que pensamos que sabíamos sobre a ligação com Deus. Ele redefine o pecado, o que significa estar perdido e o que significa ser salvo.

# Capítulo 3

## Redefinindo o pecado

*"Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço"*

## Dois caminhos para encontrar a felicidade

JESUS USA O FILHO MAIS NOVO e mais velho para retratar os dois caminhos básicos pelos quais as pessoas tentam encontrar a felicidade e a realização: o caminho da *conformidade moral* e o caminho do *autoconhecimento*. Cada um deles funciona como uma lente que colore o modo como enxergamos a vida, ou como um paradigma que molda a compreensão que temos das coisas. Ambos são maneiras que usamos para encontrar nosso valor e nosso significado, para lidar com os males do mundo e para separar o certo do errado.

O filho mais velho da parábola ilustra o caminho da conformidade moral. Os fariseus dos tempos de Jesus acreditavam que, como eram um povo escolhido por Deus, apenas conseguiriam manter sua posição de abençoados e receber a salvação final por meio da estrita obediência à Bíblia. Há inúmeras variedades desse paradigma, mas todas essas variedades

acreditam na priorização da vontade de Deus e das normas da comunidade à frente da realização pessoal. Segundo esse ponto de vista, só conseguimos ser bem-sucedidos na felicidade, e o mundo conseguirá ser feito correto por meio da retidão moral. É claro que existirão falhas, mas quando elas acontecerem, seremos julgados pela abjeção e pela intensidade do arrependimento. Conforme esse raciocínio, mesmo ao falhar devemos tentar manter a dignidade.

Já o filho mais novo da parábola ilustra o caminho do autoconhecimento. Nas antigas culturas patriarcais, alguns optavam por tal caminho, porém, hoje em dia, um número muito maior o segue. Esse paradigma sustenta que as pessoas devem ser livres para perseguir seus próprios conhecimentos e para buscar a autorrealização, independentemente dos costumes e das convenções. Segundo esse ponto de vista, o mundo seria um lugar muito melhor se a tradição, o preconceito, a autoridade hierárquica e outras barreiras à liberdade pessoal fossem diminuídas ou removidas.

Os dois estilos de vida (e o inevitável conflito entre ambos) são vividamente retratados no clássico

filme *A testemunha*. No filme, a jovem amish Rachel se apaixona pelo policial John Book, decididamente não amish. Eli, o sogro da moça, avisa que ela está fazendo algo proibido e que os irmãos mais velhos da comunidade poderiam puni-la. Ele ainda diz que ela está agindo como uma criança. "Pois eu irei julgar os fatos", ela replica. "Não, *eles* os irão julgar. E eu também... se você me envergonhar", diz ele, firme como um profeta. "Você envergonha a si mesmo", devolve Rachel, tremendo, porém orgulhosa, dando as costas para ele.[5]

Aqui temos um retrato conciso de ambos os caminhos. A personagem que opta pelo caminho da conformidade moral diz: "Não farei aquilo que desejo, mas o que a tradição e a comunidade desejam que eu faça." A personagem que escolhe o caminho do autoconhecimento diz: "Sou a única pessoa que pode decidir o que é certo e o que é errado para mim. Vou viver como bem desejar e encontrar meu verdadeiro eu e a verdadeira felicidade por meio deste caminho."

Nossa sociedade ocidental é tão profundamente dividida entre essas duas abordagens que quase

ninguém pode imaginar outro estilo de vida. Quando você critica ou se distancia de uma pessoa, todos ao redor assumem que você optou por seguir o outro caminho, porque essas duas vertentes tendem a dividir o mundo inteiro em dois grupos básicos. Dizem os conformistas morais: "As pessoas imorais — aquelas que "fazem do seu jeito" — são o problema do mundo, e as pessoas moralistas são a solução". Já os advogados do autoconhecimento replicam: "As pessoas fanáticas e de mente fechada — aquelas que se dizem "donas da Verdade" — são o problema do mundo, e as pessoas progressistas e de mente aberta são a solução". Mas o que ambos os lados dizem é: nossa maneira é o caminho para colocar o mundo nos eixos e, se você não está ao nosso lado, então está contra nós.

Devemos então concluir que todo mundo se encaixa em uma dessas duas categorias? Sim e não. Um número elevado de pessoas demonstra um temperamento que os predispõe a escolher uma vida de conformidade moral ou uma vida de autoconhecimento. No entanto, alguns alternam entre uma e outra corrente, tentando primeiro um dos caminhos e depois mudando de estratégia em diversos momentos da vida.

Muitos já experimentaram o paradigma da conformidade moral, mas perceberam que isso acabava os oprimindo e, depois de uma mudança dramática, acabaram optando por uma vida de autoconhecimento. Outros fizeram o caminho exatamente oposto.

No entanto, há pessoas que podem sensatamente dizer que combinam ambas as abordagens sob o teto de uma única personalidade. Há alguns irmãos mais velhos, de aparência bastante tradicional, que mantêm como válvula de escape uma vida secreta em que impera o comportamento de irmão mais novo. Algumas operações policiais que visam a captura de predadores sexuais de adolescentes na internet com frequência resultam na prisão de pessoas altamente religiosas, incluindo aí muitos membros do clero. Porém, há também muitas pessoas bastante liberais e irreligiosas que desprezam os indivíduos religiosos e conservadores com todo o farisaísmo e a arrogância dos piores fariseus.

Apesar de todas essas variações, são apenas duas as abordagens primárias de vida. A mensagem da parábola de Jesus é que ambas as abordagens estão erradas. A parábola ilustra a alternativa radical.

## Dois filhos perdidos

No primeiro ato, na pessoa do filho mais novo, Jesus nos dá um retrato do pecado que qualquer pessoa seria capaz de identificar. O jovem rapaz humilha sua família e vive uma vida consumista e dissoluta. Ele fica totalmente descontrolado. Acaba alienado do pai, que representa Deus na história. Qualquer ouvinte da parábola concordaria que uma pessoa com tais modos de vida acabaria afastado de Deus.

No segundo ato, no entanto, o foco recai sobre o filho mais velho. Ele é meticulosamente obediente ao pai e, portanto, por analogia, aos mandamentos de Deus. Ele se mostra completamente sob controle e é bastante disciplinado. Assim, temos os dois filhos, um deles sendo o "mau", pelos padrões convencionais, e o outro sendo o "bom", ainda que ambos estejam alienados em relação ao pai. O pai tem de sair e convidar a ambos para que participem do banquete de seu amor. Portanto, não há apenas um filho perdido na parábola — mas dois.

Não obstante, o segundo ato é concluído de forma inimaginável. Jesus, o contador de histórias, deli-

beradamente deixa o filho mais velho em seu estado de alienação. O filho mau participa do banquete do pai, mas o filho bom não o acompanha. O amante das meretrizes é salvo, mas o homem da retidão moral continua perdido. Quase é possível ouvir alguns fariseus arquejando ao ver findada a história. Era o completo oposto de tudo o que já lhes havia sido ensinado.

Mas Jesus não para simplesmente por aí. As coisas ficam ainda mais surpreendentes. Por que o filho mais velho decide não participar? Ele mesmo explica o motivo: "*Nunca desobedeci às tuas ordens.*" O filho mais velho não perde o amor do pai apesar de sua bondade, mas por causa dela. Não são os pecados que criam a barreira entre ele e o pai, mas o orgulho que sente de seu histórico moral; não são as transgressões, mas sua retidão que o impede de partilhar o banquete do pai.

Mas como isso pôde acontecer? A resposta é que o coração dos irmãos e os dois estilos de vida que ambos representam são muito mais parecidos do que podemos imaginar.

O que o filho mais novo mais queria na vida? Ele muito se irritava por ter de compartilhar os recur-

sos da família sob a supervisão do pai. Queria tomar suas próprias decisões e ter controle irrestrito sobre sua parte da riqueza. Como conseguiu? Ele o fez com um lance de extrema ousadia, um desafio flagrante contra as normas da comunidade, uma declaração de total independência.

O que o filho mais velho mais queria? Quando refletimos sobre esse ponto, percebemos que ele desejava o mesmo que seu irmão. Ele se sentia tão melindroso em relação ao pai quanto seu irmão mais novo. Também desejava os bens do pai, e não o pai em si. No entanto, enquanto o filho mais novo parte para uma região distante, o filho mais velho ficou por perto e "nunca desobedeceu". Pois foi esse o caminho que escolheu para tomar o controle. O pedido jamais pronunciado por ele era: "Jamais o desobedeci! Agora você tem de fazer por minha vida as coisas do jeito que desejo que sejam feitas."

Os corações de ambos os irmãos eram iguais. Ambos os filhos se ressentiam pela autoridade do pai e buscavam maneiras de escapar dela. Ambos desejavam alcançar uma posição em que pudessem dizer ao pai o que fazer. Em outras palavras, ambos

se rebelavam — ainda que um tenha feito isso ao ser muito mau, e o outro ao ser extremamente bom. Ambos estão distantes do coração do pai; ambos são filhos perdidos.

Você consegue perceber, então, o que Jesus está ensinando? Nenhum dos filhos amava o pai de verdade. Ambos estavam usando o pai para seus próprios fins egoístas, em vez de amá-lo, em vez de desfrutar da companhia dele e em vez de servi-lo para seu próprio bem. Isso equivale a dizer que você pode se rebelar contra Deus e permanecer alienado em relação a ele tanto ao quebrar suas regras *quanto* ao obedecer a todas elas de forma diligente.

É uma mensagem surpreendente: a obediência zelosa à lei de Deus pode servir como meio de rebeldia contra Deus.

## Uma compreensão mais profunda do pecado

Com essa parábola, Jesus nos apresenta a um conceito muito mais aprofundado de "pecado" ao qual jamais chegaríamos se ele não nos tivesse ensinado. A maioria das pessoas entende o pecado como o fracas-

so diante das regras de conduta ditadas por Deus, mas, além de não se resumir a tal definição, a compreensão de pecado apresentada por Jesus vai muito além.

Em seu romance *Sangue sábio*, Flannery O'Connor diz de seu personagem, Hazel Motes, que "havia nele uma profunda, escura e silenciosa convicção de que o caminho para evitar Jesus era evitar todo pecado".[6] É um pensamento profundo. Você é capaz de se esquivar de Jesus como o Salvador ao observar todas as leis morais. Quando você segue tal caminho, entende que tem "direitos". Deus deve a você a resposta a suas orações, e uma boa vida, e um ingresso para o céu quando você morrer. Você não precisa de um Salvador que o perdoe por meio da livre graça, pois você é seu próprio Salvador.

Esta é claramente a mesma atitude do filho mais velho. Por que ele fica tão irado com o pai? Ele sente que tem o direito de dizer ao pai como as roupas, o anel e os animais da família devem ser usados. De modo semelhante, pessoas religiosas geralmente vivem de forma bastante regrada, mas o objetivo delas é conseguir influenciar Deus, controlá-lo, deixá-lo em uma posição onde pensam que ele será devedor.

Assim, apesar de toda a piedade e de toda a meticulosidade ética, essas pessoas estão, de fato, se rebelando contra a autoridade dele. Se, como o filho mais velho, você acredita que Deus tem de abençoá-lo e ajudá-lo porque você deu duro para obedecer a ele e para ser uma boa pessoa, então talvez Jesus possa lhe ajudar, talvez ele possa ser um exemplo, até mesmo uma inspiração, mas ele não é seu Salvador. Você está sendo o seu próprio Salvador.

Por baixo da extrema diferença no comportamento dos irmãos estão a mesma motivação e o mesmo objetivo. Ambos usam o pai de maneiras distintas para alcançar aquilo que o coração realmente deseja. Era a riqueza, e não o amor ao pai, o que acreditavam que lhes traria a felicidade e a realização.

No fim da história, o filho mais velho tem uma oportunidade de verdadeiramente agradar ao pai se participar do banquete. Mas sua recusa arrogante mostra que a felicidade do pai jamais fora seu real objetivo. Quando o pai readmite o filho mais novo, acarretando na redução da parte do filho mais velho na herança, o coração do mais velho se des-

nuda completamente. Ele faz todo o possível para magoar o pai e para resistir à vontade dele.

Se, como o irmão mais velho, você busca controlar Deus por meio de sua obediência, então toda sua moralidade não passa de uma maneira de usar Deus para fazer com que ele lhe dê aquilo que você realmente deseja. Um exemplo clássico dessa situação é a barganha que o jovem Salieri faz com Deus na peça *Amadeus*, de Peter Shaffer:

> Secretamente eu oferecia a oração mais louvável que um garoto poderia criar. "Senhor, faz de mim um grande compositor! Deixa-me celebrar tua glória através da música — e assim celebrar a mim mesmo! Faz-me famoso por todo o mundo, querido Deus! Torna-me imortal! Que pronunciem meu nome, depois de minha morte, por tudo que escrevi, para sempre! Em troca juro dar a ti minha castidade — minha diligência, minha mais profunda humildade, cada hora de minha vida. Também ajudarei a meus semelhantes em tudo que puder. Amém e amém!"

Ele passa a nortear sua vida segundo essa promessa a Deus. Mantém as mãos longe das mulheres, trabalha com afinco em suas músicas, ensina muitos outros músicos de graça e se dedica incansavelmente a ajudar os pobres. Sua carreira floresce e ele acredita que Deus está dando conta de sua parte na barganha. Então, surge Mozart, com dons musicais muito superiores aos de Salieri. A genialidade de Mozart obviamente havia sido concedida por Deus. Amadeus, o nome do meio de Mozart, significa "amado por Deus"; não obstante, ele é um "irmão mais novo", vulgar e indulgente. O talento tão dispensado por Deus em Mozart precipita uma crise de fé no coração de irmão mais velho de Salieri. As palavras que ele utiliza são notavelmente próximas das usadas pelo filho mais velho na parábola:

> "Era incompreensível... Lá estava eu, negando toda a luxúria que me era natural para merecer o dom de Deus, enquanto Mozart cedia a todos os desejos — mesmo noivo, prestes a se casar! — sem nenhuma repreensão!"

Por fim, Salieri diz a Deus: "De agora em diante somos inimigos, Você e Eu". Depois, passa a trabalhar para destruir Mozart.[7] Infelizmente, na peça de Shaffer Deus permanece quieto, ao contrário do pai na parábola de Jesus, que vai ao resgate do filho mais velho quando este começa a afundar no mesmo amargor, no ódio e no desespero que, no fim, engolem Salieri.

Os diligentes esforços de Salieri para ser casto e caridoso acabam se revelando profundamente egoístas. Deus e os pobres não passaram de meros instrumentos. Ele diz a si mesmo que estava sacrificando seu tempo e seu dinheiro para o bem dos pobres e de Deus, mas, na verdade, não havia sacrifício algum. Ele assim agia visando ao seu próprio bem, para obter fama, fortuna e para sua própria autoestima. "Eu gostava de mim mesmo", diz Salieri, "...Até *ele* aparecer. Mozart". Assim que percebe que a obediência a Deus e o cuidado dispensado aos pobres não lhe rendiam a glória que ele tanto desejava, seu coração se torna mortífero. Logo o respeitável e moralista Salieri se mostra capaz de realizar males maiores do que o vulgar e imoral Mozart.

Apesar de o Mozart de *Amadeus* não ser religioso, é o devoto Salieri quem acaba em um estado de alienação muito maior em relação a Deus, assim como na parábola de Jesus.

Tal mentalidade pode se fazer presente de formas mais sutis do que a apresentada na vida de Salieri. Conheci uma mulher que trabalhou por muitos anos no ministério cristão. Quando uma doença crônica se abateu sobre ela na meia-idade, ela caiu em desespero. Por fim percebeu que, no fundo de seu coração, sentia que Deus lhe "devia" uma vida melhor, depois de tudo o que havia feito por ele. Essa suposição tornou sua recuperação extremamente difícil, ainda que tenha conseguido se reerguer. A chave para a superação, no entanto, foi reconhecer a mentalidade de irmão mais velho que a dominava.

Os irmãos mais velhos obedecem a Deus apenas para atingir objetivos. Não obedecem a Deus para conseguir chegar ao próprio Deus — para a ele se assemelharem, para amá-lo, para conhecê-lo, e para nele se deleitarem. Do mesmo modo, pessoas moralistas e religiosas podem servir como seu próprio Senhor e Salvador, como acontece com os irmãos mais novos

que dizem não acreditar em Deus e que decidem o que é certo e o que é errado por si sós.

Eis, portanto, a redefinição radical de Jesus sobre o que está errado conosco. Quase todo mundo define o pecado como uma violação na lista de regras. Jesus, no entanto, nos mostra que um homem que quase nunca violou a lista de maus comportamentos morais pode estar tão perdido espiritualmente quanto o mais devasso e imoral dos homens. Por quê? Porque o pecado consiste não apenas em quebrar as regras, mas também em se colocar no lugar de Deus, como Salvador, Senhor e Juiz (assim como fizeram os dois filhos na tentativa de se apropriar da autoridade do pai enquanto ele ainda estava vivo).

O jovem Salieri teria rebatido vigorosamente tais acusações se alguém lhe apontasse o modo como procedia. Sendo casto e caridoso, não estava fazendo a vontade de Deus em vez da própria, não estava honrando e se submetendo a Deus? Ao tentar colocar Deus em uma posição de dívida e ao tentar controlá-lo por meio de suas boas obras — em vez de confiar na livre graça — ele agia como seu próprio Salvador. Ao se tornar perigosamente amargo em relação a Mozart,

certo de que Deus estava sendo injusto, ele se colocava no lugar de Deus como Juiz.

Há duas maneiras de ser seu próprio Salvador e Senhor. Uma delas é ao quebrar todas as leis morais e estabelecer seu próprio rumo e a outra é ao seguir todas as leis morais e ao ser muito, muito bom.

## Ambos errados; ambos amados

Jesus não divide o mundo entre os "mocinhos" morais e os "bandidos" imorais. Ele nos mostra que todas as pessoas se dedicam ao projeto da autossalvação, usando a Deus e aos outros para obter poder e controle para si mesmas. A única diferença reside no caminho escolhido. Apesar de os dois filhos estarem errados, no entanto o Pai se preocupa com ambos e os convida para partilharem de seu amor e de seu banquete.

Isso significa que a mensagem de Jesus, que é "o evangelho", representa uma espiritualidade completamente diferente. O evangelho de Jesus não é religião nem a falta dela, moralidade ou imoralidade, moralismo ou relativismo, conservadorismo ou liberalismo. Nem é algo que se situe no meio de um

espectro criado entre dois polos, é algo completamente diverso.

O evangelho se distingue dessas duas abordagens: segundo ele, todos estão errados, todos são amados e todos são convidados a reconhecer tal fato e a mudar. Em contraste, os irmãos mais velhos dividem o mundo em dois: "As pessoas boas (como nós) estão dentro, e as pessoas ruins, que são o verdadeiro problema do mundo, estão fora." Os irmãos mais novos, ainda que absolutamente não acreditem em Deus, fazem o mesmo, dizendo: "Não, as pessoas tolerantes e de mente aberta é que estão dentro, enquanto os fanáticos de mente estreita, que são o verdadeiro problema do mundo, estão fora."

Mas Jesus diz: "O humilde está dentro e o orgulhoso está fora" (cf. Lucas 18:14).[8] As pessoas que confessam não serem especialmente boas ou não terem a mente aberta se movem em direção a Deus, pois o prerrequisito para receber a graça de Deus é reconhecer a falta dela. As pessoas que pensam estar muito bem, obrigado, se distanciam cada vez mais de Deus. "*O Senhor (...) cuida do humilde, mas se distancia*

*do orgulhoso*" (Salmo 138:6 New Living Translation – tradução livre).

Quando um jornal publicou a pergunta "O que está errado com o mundo?", o pensador católico Chesterton, segundo dizem, escreveu uma breve carta em resposta: "Queridos Senhores: Eu estou. Sinceramente, G. K. Chesterton". Esta é a atitude de alguém que compreendeu a mensagem de Jesus.

Apesar de ambos os filhos estarem errados e de ambos serem amados, a história não termina no mesmo tom para os dois. Por que Jesus constrói a história de forma que um filho seja salvo, restabeleça a relação com o pai, e o outro não? (Ao menos, não antes de a história terminar.) Pode ser que Jesus estivesse tentando dizer que, apesar de ambos os projetos de autossalvação estarem igualmente equivocados, eles não são igualmente perigosos. Uma das ironias da parábola, então, se revela. A separação do filho mais novo em relação ao pai era bastante óbvia. Ele deixou seu pai de forma literal, física e moral. Apesar de o filho mais velho ter permanecido em casa, ele na verdade estava mais distante e alienado do pai que

seu irmão, uma vez que estava cego perante sua própria situação. Sem dúvida ele se sentiria muito ofendido pela sugestão de que estava se rebelando contra o amor e a autoridade do pai, ainda que de fato o estivesse realmente fazendo.

Porque o filho mais velho se revela mais cego para os acontecimentos, ser um fariseu com espírito de irmão mais velho é uma condição ainda mais espiritualmente desesperada. "Como ousa dizer isso?", respondem as pessoas religiosas quando se sugere que o relacionamento com Deus não está tão correto. "Estou na igreja sempre que as portas se abrem." Com efeito, Jesus responde: "Isso não importa."

Ninguém jamais ensinou algo assim antes.

# Capítulo 4

## Redefinindo a perdição

*"O filho mais velho encheu-se de ira,*
*e não quis entrar"*

## Ira e superioridade

JESUS FALA COM FREQUÊNCIA sobre pecado e salvação com as metáforas de estar "perdido" e "achado". O capítulo 15 do evangelho de Lucas encerra três parábolas que Jesus dirige aos líderes religiosos. A primeira trata de um pastor que descobre ter perdido uma de suas ovelhas. A segunda parábola é sobre uma mulher que percebe ter perdido uma de suas moedas. Como vimos, a terceira trata de dois filhos que, de maneiras distintas, estão ambos perdidos. No mais, Jesus resume seu ministério como uma operação de resgate, vindo "buscar e salvar o que estava perdido" (Lucas 19:10).

O que significa estar espiritualmente perdido? Na parábola, a perdição do filho mais novo é claramente notada quando ele acaba em meio ao chiqueiro. Ele fica sem amigos, dinheiro e recursos por conta do comportamento autoindulgente, indisciplinado e tolo. Tal comportamento conduz a um colapso completo de sua vida. Nesse ponto, o filho mais velho

percebe ter "perdido o rumo" e retorna para tentar reconstruir sua vida.

No entanto, nessa parábola, Jesus pretende que identifiquemos uma forma mais sutil, mas não menos devastadora, de perdição. Depois de compreendermos a definição mais profunda de pecado fornecida por Jesus, poderemos reconhecer esta outra forma, e é de crucial importância que o façamos. Vamos chamá-la de "a perdição do filho mais velho". Ela traz tanta miséria e hostilidade ao mundo quanto a primeira forma. Uma investigação mais profunda acerca do filho mais velho nos ajudará a identificar suas características.

Vimos que o filho mais velho "*encheu-se de ira*". Todas as palavras que pronuncia transbordam ressentimento. O primeiro sinal que se nota em um espírito de irmão mais velho é que quando sua vida não acontece da forma desejada, ele não fica apenas pesaroso, mas com uma profunda ira e um enorme amargor. Os irmãos mais velhos acreditam que se viverem corretamente terão uma vida boa, que Deus lhes deve um caminho suave quando tentam com grande afinco viver de acordo com as normas.

O que acontece, então, se você é um irmão mais velho e sente que as coisas estão erradas em sua vida? Se você considera que está vivendo de acordo com seus padrões morais, ficará furioso com Deus. Você não merece isso, irá pensar, depois de muito ter trabalhado para ser uma pessoa decente! Mas o que aconteceria, entretanto, se as coisas dessem errado em sua vida e você soubesse que está deixando de seguir as suas normas? Então você se enfureceria consigo mesmo, enchendo-se de autodepreciação e dor interior. E se algumas circunstâncias malignas o surpreenderem e você não tiver certeza se sua vida é boa o bastante, é provável que você circule miseravelmente entre os polos do "Eu te odeio!" e do "Eu me odeio!"

A incapacidade dos irmãos mais velhos de lidar com o sofrimento provém do fato de a obediência moral ser baseada nos resultados. A boa vida é vivida não pelo prazer de realizar as boas ações em si, mas ela é antes um meio para controlar os acontecimentos.

Elisabeth Elliot reconta uma história apócrifa (não está na Bíblia!) sobre Jesus que trata da diferença entre o egoísmo com base em resultados e a fé nascida do amor.

Um dia, disse Jesus aos discípulos: "Gostaria que carregassem uma pedra por mim." Ele não deu qualquer explicação. Então, os discípulos procuraram pedras para carregar consigo; Pedro, prático como era, procurou pela menor pedra que pudesse encontrar. Afinal, Jesus não havia dito nada sobre tamanho e peso! Assim, colocou uma pedra no bolso. Jesus então disse: "Sigam-me." E eles deram início a uma caminhada. Por volta do meio-dia, Jesus pediu que todos se sentassem. Fez um meneio com as mãos e todas as pedras se transformaram em pão. Então, disse: "É hora de comer." Em poucos segundos, a comida de Pedro havia acabado. Terminada a refeição, Jesus pediu que todos se levantassem. Tornou a dizer: "Gostaria que carregassem uma pedra por mim." Desta vez, Pedro pensou: "Aha! Agora entendo!" Olhou em volta e viu um pequeno penedo. Suspendeu a pedra sobre seus ombros, e era tão pesada que o deixou cambaleante. Mas pensava: "Mal posso esperar pelo jantar." Então, Jesus disse: "Sigam-me." E eles deram início a outra caminhada, e Pedro

> mal conseguia acompanhar o grupo. Por volta do horário do jantar, Jesus os conduziu para a margem de um rio. Disse: "Agora, quero que todos joguem as pedras na água." E assim foi feito. Depois, acrescentou: "Sigam-me", e começou a andar. Pedro e os outros olharam para ele, embasbacados. Jesus suspirou, e disse: "Não se lembram do que eu pedi que fizessem? *Por quem* vocês carregaram as pedras?"[9]

Como Pedro, os irmãos mais velhos esperam que a bondade realizada por eles renda frutos, e quando isso não acontece, surge a confusão e a ira. Se você acredita que a bondade e a decência são o caminho para merecer uma boa vida concedida por Deus, acabará corroído pela ira, já que a vida nunca é como desejamos. Você sempre sentirá que lhe devem mais do que está recebendo em troca. Sempre verá alguém se saindo melhor que você em algum aspecto da vida, e irá se perguntar: "Por que ele e não eu? Depois de tudo que fiz!" Pois esse ressentimento é culpa sua. Ele é causado não pela prosperidade alheia, mas por seus próprios esforços na tentativa de controlar a vida por

meio da excelência no desempenho. A forte corrente de ira que tal atitude causa pode não transformar você em um assassino, como aconteceu com Salieri, mas irá constantemente fazer com que você perca o rumo, de muitas maneiras diferentes.

Também podemos ver que o filho mais velho acredita muito em sua própria superioridade. Ele enfatiza quão melhor é em sua história pessoal do que o amante das prostitutas. Usando de linguagem desdenhosa ("*Esse teu filho...*"), ele não mais reconhece o irmão como tal.

Os irmãos mais velhos fundamentam sua autoimagem como a de árduos trabalhadores, ou a de moralmente corretos, ou a de membros da elite de um clã, ou a de como extremamente inteligentes e astutos. Essa atitude inevitavelmente os leva a se sentirem superiores a pessoas que não demonstram as mesmas qualidades. Na verdade, a comparação competitiva é a melhor maneira de os irmãos mais velhos identificarem a própria relevância. O racismo e o classicismo são apenas versões diferentes desse projeto de autossalvação. Essa dinâmica se torna excepcionalmente intensa quando os irmãos mais velhos se

orgulham, acima de tudo, da retidão religiosa. Quando um grupo acredita que Deus favorece seus integrantes por causa de suas doutrinas particularmente verdadeiras, por conta do modo como adoram e por conta do comportamento ético, a atitude dos membros desse grupo contra aqueles que não demonstram o mesmo pode ser bastante hostil. O farisaísmo dessas pessoas se esconde sob a alegação de que estão apenas se opondo aos inimigos de Deus. Quando você olha para o mundo com tal ótica, fica fácil justificar o ódio e a opressão, tudo em nome da verdade. Como escreveu Richard Lovelace:

> "[As pessoas] que perdem a certeza de que Deus as ama e as aceita em Jesus, exceto quando por meio das realizações espirituais, são pessoas radical e subconscientemente inseguras... Tal insegurança se revela sob a forma do orgulho, uma afirmação agressiva e defensiva de sua própria retidão e por meio da crítica defensiva feita aos outros. Elas acabam naturalmente odiando outras culturas e outras raças para fomentar sua própria segurança e aliviar a raiva reprimida."[10]

O farisaísmo do irmão mais velho não dá origem apenas ao racismo e ao classicismo, mas, em um nível pessoal, pode acabar criando um espírito julgador e que não perdoa. O filho mais velho não conseguia perdoar seu irmão mais novo por ele ter enfraquecido a posição da família na sociedade, por ele ter desgraçado o nome da família e por ter diminuído a riqueza deles. Ele enfatiza o fato de o irmão mais novo ter estado com "*prostitutas*", enquanto ele levava uma vida casta em casa. "Eu jamais faria algo vil assim!", é o que ele quer dizer com o coração. Porque ele não se vê como parte de uma comunidade normal de pecadores, acaba reprimido por seu próprio amargor. É impossível perdoar alguém quando você se sente superior a essa pessoa. Se você não consegue controlar o temperamento e vê alguém perdendo paciência do mesmo modo como acontece com você, sua tendência é perdoar essa pessoa, porque sabe que não é melhor do que ela. "Como posso falar alguma coisa se sou igual?", você pensa. No entanto, porque o pecado e a antipatia do irmão mais velho em relação a Deus estão escondidos debaixo da camada de autocontrole e do comportamento moral, esse tipo de

pessoa não tem dificuldade alguma em se sentir superior a praticamente qualquer pessoa. Quando veem pessoas que mentem, ou que traem as esposas, ou que não oram para Deus — eles então as desprezam. E se essas pessoas cometem erros em relação a *eles*, os irmãos mais velhos sentem que seu histórico imaculado lhes dá o direito de ficarem altamente ofendidos e de sempre se lembrarem do erro cometido.

Um clássico exemplo disso é o casamento de um alcoólatra. O alcoólatra, repetidas vezes, decepciona sua família de modo bastante dramático. Como resultado de seu sofrimento, a esposa do dependente muitas vezes desenvolve um grande senso de autocomiseração e de farisaísmo. A esposa o socorre, mas não o deixa se esquecer dos pecados por ele cometidos. Essa atitude só causa um comportamento ainda mais autodestrutivo por parte do alcoólatra, o que acaba se tornando parte do motivo pelo qual ele bebe. Trata-se de um ciclo viciante e destrutivo. Pode acontecer que o irmão mais velho, para reforçar a imagem que tem de si mesmo, precise de alguém próximo que seja cronicamente volúvel para poder criticar, fazendo com que o comportamento presunçoso do irmão

mais velho torne ainda mais difícil para o irmão mais novo admitir seus problemas e conseguir mudar sua vida. Quando o filho mais novo da parábola supera a fase de negação e é recebido pelo pai, o filho mais velho percebe que o arranjo está quebrado, e sua ira se incendeia.

Se o filho mais velho conhecesse seu próprio coração, teria dito: "Sou tão egoísta e causo tanta dor a meu pai da minha própria maneira, quanto meu irmão da sua. Não tenho direito algum de me sentir superior." Então, ele teria a liberdade de dar a seu irmão o mesmo perdão concedido pelo pai. Mas irmãos mais velhos não se enxergam dessa maneira. A ira que sentem é uma prisão por eles mesmos construída.

## Escravidão e nulidade

Outro sinal demonstrado pelas pessoas que têm espírito de "irmão mais velho" é a submissão melancólica e baseada no medo. O filho mais velho se gaba de sua obediência ao pai, mas deixa transparecer o motivo de suas atitudes quando diz: "*Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço.*" A fidelidade

a qualquer compromisso assumido envolve certa capacidade de obediência. Muitas vezes não sentimos vontade de fazer o que é preciso, mas fazemos mesmo assim, em nome da integridade. Mas o filho mais velho mostra que sua obediência ao pai nada mais é do que mero dever. Não há alegria nem amor, não o vemos se sentir grato por ver o pai satisfeito.

De modo semelhante, irmãos mais velhos são obstinados na submissão às normas éticas e no cumprimento de todas as responsabilidades familiares, comunitárias e cívicas. Mas isso não passa de um trabalho penoso, escravo e sem qualquer alegria. A palavra "*escravo*" significa antes ser forçado do que se sentir compelido ou atraído. Um escravo trabalha por medo — medo das consequências impostas pela força. E é este o significado da real motivação dos irmãos mais velhos. Em última análise, irmãos mais velhos vivem a vida correta por causa do medo, não por alegria e amor.

Um amigo que fazia um curso de MBA de muito prestígio me contou sobre um curso de ética nos negócios em que estava inscrito. O professor dele recomendava a prática da honestidade nos negócios por dois motivos. Primeiro, se você mentir ou enga-

nar, pode acabar sendo pego, e isso seria ruim para o seu negócio. Segundo, se as pessoas da empresa sabem que estão trabalhando em um ambiente de honestidade, isso servirá para elevar o moral, fazendo com que os funcionários sintam estar acima da concorrência. De fato, são bons motivos para ser honesto, mas tal apelo acontece apenas pela motivação do medo, para que evitem reduzir os lucros, o orgulho e para que possam se sentir superiores em relação aos outros. "Diga a verdade — pois isso será vantajoso", é o que resume o conselho.

Mas o que acontece, entretanto, quando inevitavelmente se chega a situações em que contar a verdade pode ter um custo elevado? O que aconteceria se contar certa mentira lhe trouxesse uma enorme vantagem? Nessas situações, a motivação para ser honesto simplesmente evapora. Alguns dos maiores escândalos corporativos da última década envolviam membros devotos e proeminentes das igrejas.

A obediência do irmão mais velho conduz apenas a uma submissão escrava e ressentida à lei. Uma coisa é ser honesto e evitar mentir visando ao seu próprio bem, outra coisa é fazer isso em nome de

Deus, em nome da verdade e por amor às pessoas que nos cercam. Uma pessoa motivada pelo amor, em vez de pelo medo, não irá apenas obedecer à lei, mas irá voluntariamente procurar novas maneiras de conduzir os negócios com transparência e integridade.

A honestidade nascida do medo em nada contribui para eliminar a causa fundamental do mal no mundo — o egoísmo radical do coração humano. Na verdade, a moralidade baseada no medo serve apenas para fortalecer esse sentimento, já que, de qualquer maneira, irmãos mais velhos são moralistas apenas visando ao benefício próprio. Talvez sejam gentis com os outros e ajudem os pobres, mas, em um sentido mais profundo, essas ações são realizadas porque visam à benção de Deus, quando pensamos na aplicação religiosa do espírito do irmão mais velho, ou porque querem pensar em si mesmos como pessoas virtuosas e caridosas, no aspecto secular da atitude. Eis uma história que serve para ilustrar o raciocínio:

> Era uma vez um jardineiro que conseguiu colher uma enorme cenoura. Ele a colheu e a levou para seu rei, dizendo: "Meu rei, esta é a

maior cenoura que jamais colhi, e que jamais colherei. Assim, quero lhe oferecer como prova de meu amor e de meu respeito." O rei se sentiu tocado e reconheceu a bondade no coração do homem, de modo que, enquanto este partia, disse o rei: "Espere! Você é verdadeiramente um bom administrador da terra. Tenho uma propriedade bem ao lado da sua. Quero dá-la a você de presente, para que possa plantar em toda aquela terra." O jardineiro ficou surpreso e feliz, voltando para casa muito alegre. Porém, havia um nobre na corte do rei que presenciara toda a cena. E ele disse: "Ora! Se é isto que se ganha com uma *cenoura* — o que aconteceria se eu desse ao rei algo ainda melhor?" No dia seguinte, o nobre se apresentou diante do rei, e em suas mãos estavam as rédeas de um belo garanhão negro. Ele se curvou e disse: "Meu senhor, eu crio cavalos, e este é o melhor cavalo que jamais criei e que jamais irei criar. Quero lhe dar de presente como prova de meu amor e de meu respeito." Mas o rei enxergou o coração do homem, agradeceu, aceitou o cavalo e o dis-

pensou. O nobre ficara perplexo. Depois, disse o rei: "Permita-me explicar. O jardineiro estava dando a cenoura *a mim*, mas você está dando o cavalo *para si mesmo.*"

Os irmãos mais velhos têm a capacidade de fazer o bem para os outros, mas não pelo prazer da ação em si nem por amor pelas pessoas ou para o deleite de Deus. Eles não estão alimentando os famintos nem vestindo os que têm frio de verdade, estão alimentando e vestindo a si mesmos. O egoísmo fundamental de seus corações não só permanece intacto como continua sendo alimentado pelo moralismo baseado no medo, e isso pode explodir, e até mesmo acaba explodindo, de maneiras chocantes. É por tal motivo que muitas igrejas são assoladas pelas fofocas e pelas disputas. Também por esse motivo muitas pessoas moralistas vivem de modo aparentemente casto para depois se entregar aos mais escandalosos pecados. Debaixo do aparente altruísmo se esconde um enorme egoísmo.

Os deveres religiosos e morais são um pesado fardo, muitas vezes esmagadores. A frustração emo-

cional e o tédio interior com a vida acabam reprimidos e renegados. Os irmãos mais velhos sentem grande pressão para parecer, até mesmo para si próprios, felizes e contentes. É por esse motivo que, às vezes, irmãos mais velhos altamente moralistas estragam suas vidas e, para a surpresa de todos que os conhecem, abandonam as correntes de suas obrigações e passam a viver como irmãos mais novos.

O último sinal pelo qual podemos identificar um espírito de irmão mais velho é a falta de certeza em relação ao amor do pai. Diz o filho mais velho: "*Nunca me deste nem um cabrito para eu festejar*". Não há dança nem alegria na relação do filho mais velho com seu pai. Enquanto estiver tentando merecer a salvação por meio da tentativa de controlar Deus com suas bondades, você jamais terá certeza de que é bom o suficiente para ele. Você simplesmente não terá certeza se Deus o ama e se rejubila em você.

Quais são os sinais dessa falta de segurança? Um deles já foi mencionado: toda vez que algo dá errado na vida ou que uma oração não é atendida, você acaba se perguntando se é por não estar vivendo esse ou aquele aspecto de forma correta. Outro

sinal é quando a crítica alheia não apenas fere seus sentimentos, mas os devasta. Isso acontece porque sua noção do amor de Deus é abstrata e tem pouca utilidade prática na sua vida, e você necessita da aprovação dos outros para reforçar sua autoimagem. Além disso, você irá se sentir irredutivelmente culpado. Quando você faz algo que sabe que é errado, sua consciência o atormenta por muito tempo, mesmo depois de você se arrepender. Já que você não consegue ter certeza de que se arrependeu o suficiente, acaba se reprovando pelo que fez.

Mas talvez o sintoma mais claro dessa falta de segurança seja uma vida estéril de orações. Ainda que os irmãos mais velhos sejam diligentes na oração, não há prazer, reverência, intimidade ou deleite nas conversas que têm com Deus. Imagine três pessoas diferentes — um colega de trabalho de quem você não gosta, um amigo com quem você gosta de fazer tudo e uma pessoa por quem você esteja apaixonado, e que esteja apaixonada por você. As conversas que você tem com seu colega de trabalho serão quase todas sobre as metas a cumprir. Você não terá interesse algum em conversar sobre amenidades,

Com seu amigo, talvez você abra o coração para falar de algum problema que esteja ocorrendo. Porém, com a pessoa amada, você sentirá um forte impulso para falar sobre o que você acha lindo sobre ela.

As três conversas são formas análogas das orações que foram chamadas "petição", "confissão" e "adoração". Quanto mais profunda for a relação amorosa, mais a conversa tenderá para o lado pessoal e para o compromisso e o louvor. Os irmãos mais velhos são disciplinados no que diz respeito ao horário das orações, mas as orações que eles oferecem são quase todas associadas a pedidos e petições, em vez de um louvor espontâneo e prazeroso. Na verdade, muitos irmãos mais velhos, apesar de toda a religiosidade, não têm, absolutamente, uma vida pessoal de orações, exceto nos períodos em que nada dá certo na vida. Nesses períodos, essas pessoas devotam muito tempo às orações, até que as coisas tornem a ficar boas. Essa atitude apenas demonstra que o objetivo principal da oração dos irmãos mais velhos é *controlar o ambiente* em vez de se entregar ao relacionamento íntimo com um Deus que os adora.

## Quem precisa saber disso?

Mas por que é tão importante saber que Jesus considera a perdição do filho mais velho tão errada e destrutiva quanto a perdição do filho mais novo?

Os irmãos mais velhos do mundo precisam desesperadamente ver o próprio reflexo no espelho. Jesus direcionou essa parábola primeiramente aos fariseus, para lhes mostrar quem verdadeiramente eram e para reforçar a necessidade de mudança. Conforme dissemos, o filho mais novo sabia que estava alienado do pai, mas o filho mais novo não sabia. E é por isso que a perdição do filho mais velho é tão perigosa. Os irmãos mais velhos não vão a Deus e imploram pela cura da situação em que se encontram. Eles nada encontram de errado em tal condição, e este pode ser um erro fatal. Quando você sabe que está doente, procura um médico; mas se não sabe que está, você não procura — simplesmente morre.

Os irmãos mais novos do mundo também têm a mesma necessidade de enxergar isto. Quando compreendemos a atitude do filho mais velho na história, passamos a enxergar uma das razões pelas quais o fi-

lho mais novo queria partir. Há muitas pessoas hoje em dia que abandonam qualquer tipo de fé religiosa por verem claramente que as grandes religiões estão cheias de irmãos mais velhos. Essas pessoas concluem que a religião é uma das maiores fontes de tristeza e de contendas do mundo. E adivinhe só! Por meio da parábola, Jesus diz que essas pessoas estão certas. A ira e a superioridade, ambas nascidas da insegurança, do medo e do vazio interior, são capazes de juntar uma grande massa de indivíduos guiados pela culpa e pelo medo, pessoas espiritualmente cegas, o que é um dos grandes celeiros da injustiça social, das guerras e da violência.

É comum pessoas que voltaram as costas para as religiões acreditarem que com o Cristianismo as coisas não são diferentes. Essas pessoas já experimentaram a sensação de estar em uma igreja transbordando de irmãos mais velhos. Dizem: "O cristianismo é apenas outra religião." No entanto, Jesus diz que não, que isso não é verdade. Todo mundo sabe que o evangelho cristão nos chama para longe da libertinagem do espírito de irmão mais novo, mas poucos percebem que ele também diverge em muito do moralismo do espírito do irmão mais velho.

Nossas grandes cidades estão repletas de irmãos mais novos que fugiram das igrejas dominadas por irmãos mais velhos. Quando me mudei para Nova York, no fim dos anos 1980, para fundar uma nova igreja, pensei que iria encontrar muitas pessoas não religiosas que não tinham qualquer familiaridade com o Cristianismo. E encontrei; mas, para minha surpresa, encontrei tantas outras pessoas que haviam sido criadas nas igrejas e nas mais devotas famílias, mas que haviam ido para Nova York para ficar o mais longe possível dessas igrejas. Depois de cerca de um ano de ministério, tínhamos duas ou três centenas de pessoas frequentando os serviços. Um dia me perguntaram: "Quem está frequentando sua igreja?" Depois de refletir, respondi que cerca de um terço das pessoas não eram fiéis, um terço era de fiéis e o outro terço era de fiéis "em recuperação" — irmãos mais novos. Encontrei inúmeros irmãos mais novos que haviam sido ofendidos e feridos por irmãos mais velhos que nem eles, nem eu, éramos capazes de dizer se ainda acreditavam ou não na fé cristã.

Os exemplos mais recorrentes que percebi eram com muitos jovens adultos que vinham de di-

versas partes conservadoras dos Estados Unidos para obter um diploma de graduação nas escolas de Nova York. Aqui, esses jovens encontravam as pessoas sobre quem por muito tempo foram alertadas, pessoas com uma visão muito liberal do sexo, da política e da cultura. Apesar do que haviam sido convencidas a acreditar, essas mesmas pessoas eram bastante gentis, razoáveis e de coração aberto. Quando jovens adultos começaram a experimentar uma mudança no modo como enxergavam a vida, perceberam que muitas pessoas da terra natal, especialmente as das igrejas, agiam de forma hostil e fanática. Em pouco tempo, passaram a rejeitar a antiga compreensão que tinham, assim como rejeitaram a fé. Os irmãos mais velhos os tinham transformado em irmãos mais novos.

Descobrimos, no entanto, que os irmãos mais novos tinham vontade de frequentar nossa igreja por perceberem que fazíamos uma distinção bem clara entre o evangelho e o moralismo religioso, o que lhes deu uma oportunidade de explorar o Cristianismo sob uma nova perspectiva.

É natural os irmãos mais novos pensarem que o espírito do irmão mais velho e o cristianismo são

exatamente a mesma coisa. Mas Jesus diz que não são. Na parábola, Jesus desconstrói a religiosidade, um dos principais problemas do mundo. Nela, Jesus nos diz: "Será que você poderia, por favor, considerar a possibilidade de que o evangelho, ou o Cristianismo verdadeiro, é algo completamente diferente da religião?" Isso traz para muitas pessoas a esperança de que há um caminho para conhecer Deus que não conduz às patologias do moralismo e da religiosidade.

Há um terceiro grupo de pessoas que precisam compreender a perdição do irmão mais velho. Há uma grande diferença entre um irmão mais velho e um cristão verdadeiro, que crê no evangelho. Mas também há muitos cristãos genuínos que *tendem* um pouco para o espírito do irmão mais velho. Se você veio a Cristo deixando de ser um irmão mais novo, sempre haverá o risco de cair de novo nas tentações ou nos pecados dos irmãos mais novos. Mas se você se tornou cristão ao deixar de ser um irmão mais velho, é ainda mais fácil incorrer nas atitudes e na falta de vida espiritual do irmão mais velho. Se você ainda não compreendeu o evangelho plena e profundamente,

acabará tornando a ser condescendente, condenatório, ansioso, inseguro, triste e irascível o tempo todo.

Irmãos mais velhos têm uma tendência a se irar com as circunstâncias da vida, guardam rancor por mais tempo e com mais amargor, desdenham de pessoas de outras raças, de outras religiões e que seguem estilos de vida diferentes; consideram a vida uma labuta sem alegria e opressora, têm pouca intimidade e sentem pouca alegria na vida de orações, além de uma profunda insegurança que os torna excessivamente sensíveis à crítica e à rejeição, apesar de permanecerem ríspidos e impiedosos na condenação alheia. Que quadro terrível! Mesmo assim, o caminho de rebeldia do irmão mais novo obviamente não representa uma alternativa melhor.

Muitas pessoas que seguem a filosofia da realização individual e do autoconhecimento não causam os mesmos estragos em suas vidas como o filho mais novo. A maior parte das pessoas religiosas que acreditam que Deus as irá salvar por conta dos esforços morais não chega nem perto de serem desalmadas e iradas como o filho mais velho. Será que Jesus teria exagerado? A resposta é não, ele estava explicando que,

apesar de grande parte das pessoas jamais alcançarem esses extremos, toda opção que fazemos na vida tem em si sementes de destruição, que colocam as pessoas que as adotam na direção da destruição espiritual que ele tão bem descreveu.

A parábola de Jesus acarreta uma certa crise para o ouvinte atento. Ele retratou com cores muito vivas ambos os caminhos espirituais do mundo, os caminhos mais comuns que o mundo nos oferece na busca pela felicidade, pela ligação com Deus e pelo modo com que lidamos com os problemas. Não obstante, ele demonstra que ambos são profundamente errôneos, como becos sem saída. Está claro que ele deseja que optemos por uma abordagem radicalmente diferente, mas que abordagem é esta? Onde a encontramos?

Acharemos a resposta para essa pergunta quando percebermos que Jesus deliberadamente deixou uma pessoa de fora dessa parábola. Ele assim procedeu para que buscássemos essa pessoa e, ao encontrá-la, pudéssemos finamente encontrar o verdadeiro caminho.

# Capítulo 5

## O VERDADEIRO IRMÃO MAIS VELHO

*"Meu filho, tudo o que tenho é seu"*

## De que precisamos

Do que precisamos para nos livrar das algemas de nossa própria perdição, seja ela assemelhada à do irmão mais novo ou à do irmão mais velho? Como a dinâmica interna do coração pode ser mudada da ira e do medo para a alegria, o amor e a gratidão?

A primeira coisa de que precisamos é o amor acolhedor de Deus. Note como o pai vai ao encontro de ambos os filhos e expressa o amor por eles, para convencê-los a participar do banquete. Ele não espera pelo filho mais novo no portão de casa, impaciente, batendo os pés e murmurando: "Lá vem aquele meu filho. Depois de tudo o que fez, é bom que ele se humilhe bastante!" Não há nem sequer insinuações a tal atitude. Não, ele corre e o beija antes mesmo que o filho se ponha a confessar. Não é o arrependimento que causa o amor do pai, mas o contrário. A afeição gratuita do pai torna a expressão do remorso do filho ainda mais fácil.

O pai também procura o filho mais velho irado e ressentido, suplicando que ele participe do banquete. Esse retrato é uma faca de dois gumes. Mostra que mesmo as pessoas mais religiosas e moralistas precisam da graça aconchegante de Deus, pois estão perdidas; e mostra que há esperança, sim, mesmo para os fariseus. Essa última súplica do pai é bastante surpreendente quando nos lembramos do público para quem Jesus falava. Ele se dirigia aos líderes religiosos que o iriam entregar às autoridades romanas para ser executado. No entanto, em nossa história, o filho mais velho não recebe uma repreensão dura, mas uma súplica amorosa para deixar a raiva e o farisaísmo. Jesus suplica o amor de seus mais mortíferos inimigos.

Ele não é farisaico com os fariseus; ele não é orgulhoso com os orgulhosos. Nem nós devemos ser. Ele ama não apenas as pessoas que vivem descontroladamente, as pessoas de espírito libertário, como também as pessoas religiosas de coração endurecido.

Jamais encontraremos Deus sem que ele nos procure primeiro, mas devemos lembrar que ele pode assim proceder de diferentes maneiras. Às vezes, Deus se lança de forma bastante dramática sobre nós, como

faz com o filho mais novo, e acabamos obtendo um entendimento bem nítido de seu amor. Outras vezes, ele discute conosco de forma silenciosa e paciente, ainda que insistamos em dar as costas, como no caso do filho mais velho. Como você pode saber se ele está operando em você agora? Se você começou a identificar sua perdição e se vê desejoso de escapar dela, é preciso que note que esse desejo não é algo que você gerou por conta própria. Tal processo necessita de ajuda e, se ele está ocorrendo, é um bom indicativo de que ele está, exatamente agora, ao seu lado.

Também aprendemos com a parábola que nosso arrependimento deve ser mais profundo que o mero pesar pelos pecados individuais. Quando o filho mais novo retorna, ele tem uma longa lista de transgressões pelas quais deve demonstrar seu remorso. Quando pensamos em arrependimento, costumamos pensar assim: "Se você quer ficar em paz com Deus, pegue sua lista de pecados e lhe conte o quanto você se arrepende de cada item dessa lista."

O arrependimento não é menos que isso, mas também é muito mais, porque a estratégia da lista não é suficiente para escapar da condição do irmão mais

velho. O filho mais velho está perdido, ausente do banquete de amor do pai, e, no entanto, tem pouca coisa na sua lista de transgressões. Ele diz: "Nunca desobedeci às tuas ordens", e o pai não o contradiz, que é o modo com o qual Jesus nos mostra que esse filho quase não tem falhas no que diz respeito às normas morais. Então, como uma pessoa que está perdida, mas que não tem nenhum pecado em sua lista, pode ser salva?

Preciso ser cuidadoso para evitar equívocos neste ponto. A parábola é uma grande metáfora para explicar o pecado e a salvação, mas não podemos levar todos os detalhes ao pé da letra. Nem Jesus nem qualquer autor da Bíblia jamais diz que algum ser humano é livre de falhas, sem qualquer pecado, exceto Jesus. Em vez disso, o argumento aqui é que se trata de distração quando nos concentramos apenas nas falhas de comportamento moral.

Quando os fariseus pecam, eles se sentem muito mal e se arrependem. São capazes de punir a si próprios e de lamentar suas fraquezas. No entanto, no fim das contas, continuam irmãos mais velhos. O remorso

e o arrependimento são uma parte do projeto de autossalvação. O arrependimento farisaico não se aprofunda o suficiente para chegar ao cerne do problema.

Qual era o problema? Era o orgulho por suas boas ações, e não o remorso por suas falhas, que impedia o filho mais velho de participar do banquete da salvação. O problema do filho mais velho era seu farisaísmo, o modo como ele usava seu histórico moral para colocar Deus e as outras pessoas em uma posição de dívida e para poder controlá-los, para que fizessem o que ele desejava. O problema espiritual dele era a insegurança radical que provinha de basear sua imagem pessoal no desempenho e nas conquistas, de modo que ele tinha sempre de sustentar seu senso de retidão com o desprezo aos outros e com o apontar das falhas alheias. Como disse um dos meus professores no seminário, a maior barreira entre os fariseus e Deus são "não os pecados, mas as condenáveis boas ações".

O que precisamos fazer, então, para sermos salvos? Para encontrar Deus precisamos nos arrepender das coisas que fizemos errado, mas se só fizer isso, é provável que você permaneça sendo um irmão

mais velho. Para verdadeiramente nos tornarmos cristãos, também precisamos nos arrepender das razões por que fazemos qualquer boa ação. Os fariseus se arrependem apenas de seus pecados, mas os cristãos também se arrependem do motivo que os leva à retidão. Devemos aprender sobre o arrependimento do pecado que está sob todos os outros pecados *e também* sob a nossa retidão — o pecado de tentar ser o próprio Senhor e Salvador. Precisamos admitir que colocamos a verdadeira esperança e a verdadeira confiança em outras coisas que não Deus, e que tanto nas boas quanto nas más ações tentamos nos aproximar de Deus ou controlá-lo para ter influência sobre o que desejamos.

É apenas quando você enxerga o desejo que tem de ser seu próprio Senhor e Salvador — que se esconde sob seus pecados e sob sua bondade moral — que você está prestes a compreender o evangelho e, de fato, a se tornar um cristão. Quando você perceber que o antídoto para o mau comportamento não se trata apenas de ser bom, estará ainda mais perto. Se continuar, conseguirá mudar tudo — sua relação com

Deus, consigo mesmo, com os outros, com o mundo, com seu trabalho, com seus pecados e com suas virtudes. Esse fenômeno é chamado renascimento por ser bastante radical.

Isso tudo, entretanto, apenas nos deixa mais próximos da mensagem de Jesus, não nos leva ao centro dela. O processo nos ensina do que devemos nos afastar, não para o que, ou para quem, devemos nos voltar. Vimos que precisamos do amor acolhedor do pai e de um arrependimento profundo e com base no evangelho. Mas há mais uma coisa de que precisamos antes de entrarmos no banquete da salvação.

## De quem precisamos?

Os primeiros três versículos em Lucas 15 nos informam que Jesus contou não uma, mas três parábolas aos fariseus que reclamavam de sua confraternização com os pecadores. A primeira parábola é chamada Parábola da ovelha perdida. Um homem cuida de um rebanho de cem ovelhas, mas uma delas se desgarra. Em vez de aceitar a perda, o pastor sai à busca até encontrar a ovelha perdida. Depois, chama todos os

vizinhos para que: "*Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida*" (versículo 3). A segunda parábola é chamada Parábola da moeda perdida. Nesta história, uma mulher tem dez moedas de prata em sua casa e perde uma delas. Ela não se dá por vencida, mas "*acende uma candeia, varre a casa e procura atentamente, até encontrá-la*" (versículo 8). Quando encontra a moeda, ela chama seus amigos e seus vizinhos, e diz: "*Alegrem-se comigo, pois encontrei minha moeda perdida*". A terceira parábola é a história que temos estudado, a parábola dos dois filhos perdidos.

As semelhanças entre as três histórias são óbvias. Em cada parábola, há algo perdido — a ovelha, a moeda, os filhos. Em todas, aquele que perdeu recupera o que estava longe. E cada uma das narrativas termina com uma nota de júbilo festivo e de celebração quando o objeto perdido é encontrado.

Não obstante, há uma diferença gritante entre a terceira parábola e as duas primeiras. Nas primeiras parábolas, a pessoa que perde "*vai atrás*" e busca diligentemente pelo objeto perdido. A pessoa que busca não deixa que nada a distraia ou fique em seu caminho. Quando chegamos à terceira história e ouvimos

a lamúria do filho desgarrado, logo supomos que alguém irá partir em busca dele. Mas isso não acontece. É surpreendente, e Jesus pretendia que assim fosse. Ao colocar as três parábolas juntas, ele convida os ouvintes atentos a se perguntarem: "Bem, quem vai partir em busca do filho perdido?" Jesus conhecia a Bíblia por completo, e sabia que ela conta, bem no início, uma outra história sobre um irmão mais velho e outro mais novo — Caim e Abel. Nessa história, Deus *diz ao rancoroso e orgulhoso irmão mais velho: "Você* é o protetor de seu irmão."

Edmund Clowney reconta a história verídica de um jovem soldado norte-americano desaparecido quando em ação na guerra do Vietnã. Quando a família do rapaz deixou de receber notícias dele pelos canais convencionais, o irmão mais velho partiu para o Vietnã e, arriscando a vida, procurou nas selvas e nos campos de batalha por seu irmão perdido. Dizem que apesar do perigo ele jamais sofrera qualquer arranhão, porque os dois lados haviam ouvido sobre sua dedicação e respeitavam sua procura. Alguns o chamavam, simplesmente, "o irmão".

Pois é isto que o filho mais velho da parábola deveria ter feito; isto é o que um irmão mais velho verdadeiro teria feito. Ele teria perguntado: "Pai, meu irmão mais novo foi um tolo, e agora sua vida está em ruínas. Mas vou partir para procurá-lo, para trazê-lo de volta para casa. E mesmo que sua parte na herança tenha acabado — como imagino — vou trazê-lo para casa com meu próprio dinheiro."

De fato, é apenas com a ajuda do irmão mais velho que o irmão mais novo consegue retornar. Porque, como disse Jesus, o pai dividira a herança entre eles antes de o filho mais novo partir. Tudo havia sido distribuído. O filho mais novo havia recebido seu um terço, e havia gastado tudo. Assim, quando o pai diz para o filho mais velho: "*Meu filho, tudo o que tenho é seu*", está falando literalmente a verdade. Cada centavo que continuou com a família pertencia agora ao filho mais velho. Cada roupa, cada anel, cada novilho gordo era seu por direito.

Ao longo dos anos, muitos foram os leitores que chegaram à conclusão superficial de que a readmissão do filho mais novo não envolveu qualquer sacrifício expiatório, que ela não teve custo algum.

Tais leitores apontam que o filho mais novo queria fazer uma restituição, mas que o pai não aceitou — a readmissão ao seio familiar era gratuita. Isso, dizem, mostra como o perdão e o amor devem sempre ser gratuitos e incondicionais.

Porém, esta é uma simplificação excessiva. Quando alguém queima uma lâmpada que pertence a você, você pode pedir que a pessoa pague por ela. Uma alternativa seria perdoá-la e pagar você mesmo (ou optar por topar com os móveis no escuro). Imagine agora uma situação mais grave, uma hipótese em que alguém fere gravemente sua reputação. Novamente, você tem duas opções. Pode pedir que a pessoa pague por isso ao exigir que ela procure as pessoas e critique e arruíne a própria reputação como forma de restaurar a sua reputação. Ou você pode perdoar, assumindo a tarefa penosa de esclarecer tudo sem tornar a pessoa um vilão. O perdão é livre e incondicional para o criminoso, mas tem um grande custo para você.

A misericórdia e o perdão devem ser gratuitos, e não merecidos, pelo transgressor. Se o transgressor tem de fazer algo para merecê-los, então não se trata

de perdão. O perdão *sempre* tem um custo para a pessoa que o concede.

Apesar de o primeiro ato da parábola ter nos mostrado a gratuidade do perdão do pai, o segundo ato nos dá um vislumbre de seu custo. A readmissão do filho mais novo não teve custo algum para ele, mas custos enormes para o filho mais velho. O pai não poderia apenas perdoar o filho mais novo, alguém tinha de pagar! O pai não conseguiria readmitir o filho mais novo a não ser às custas do filho mais velho. Não havia outra saída. Mas Jesus não retrata um irmão mais velho verdadeiro na parábola, um irmão que esteja disposto a pagar qualquer preço para buscar e salvar aquele que está perdido. É doloroso. Em vez de um irmão, o filho mais novo tem antes um fariseu ao seu lado.

Mas nós não temos.

Ao retratar o filho mais velho como errado na história, Jesus nos convida a imaginar e a ansiar por um irmão verdadeiro.

E, este sim, nós temos. Pense no tipo de irmão de que precisamos. Precisamos de um irmão que vá

não apenas ao país vizinho em nossa busca, mas de um que percorra tudo entre o céu e a terra por nós. Precisamos de um irmão que se disponha a pagar não uma soma limitada de dinheiro, mas que, a um custo infinito, nos devolva à família de Deus, já que nossa dívida é incalculável. Seja como irmãos mais velhos, seja como irmãos mais novos, nós nos rebelamos contra o pai. Merecemos a alienação, o isolamento e a rejeição. O argumento da parábola é que o perdão sempre envolve algum custo — alguém tem de pagar. Não havia meio que fizesse com que o filho mais novo retornasse à família, a menos que o mais velho assumisse tais custos. Nosso verdadeiro irmão mais velho assumiu e pagou nossa dívida, na cruz, em nosso lugar.

Lá, Jesus ficou nu de suas roupas e de sua dignidade, para que pudéssemos ser cobertos com a dignidade e a importância que não merecemos. Na cruz, Jesus foi tratado como um pária para que pudéssemos ser admitidos na família de Deus, de forma livre, por meio da graça. Lá, Jesus bebeu do cálice da justiça eterna para que pudéssemos beber do cálice da ale-

gria do pai. Não havia outra maneira de o pai celestial nos trazer para dentro, a não ser às custas de nosso verdadeiro irmão mais velho.

Como os trabalhos internos do coração podem ter sua dinâmica transformada, do medo e da raiva para o amor, para a alegria e para a gratidão? Eis como. Você precisa ser tocado por um vislumbre do custo necessário para sua admissão. A principal diferença entre um fariseu e alguém que crê em Jesus é a motivação interior. Os fariseus são bons, mas por conta de uma necessidade temerosa de controlar Deus. Eles não confiam nele nem o amam de verdade. Para eles, Deus é um chefe severo, não um pai amoroso. Os cristãos veem algo que leva seus corações em direção a Deus, de modo que podem finalmente amar e descansar no Pai.

O aclamado filme estrangeiro *Três estações* traz uma série de vinhetas sobre a vida no Vietnã pós-guerra. Uma das histórias é sobre Hai, um condutor de um ciclo-riquixá (um riquixá combinado a uma bicicleta), e Lan, uma linda prostituta. Ambos têm desejos profundos, mas não realizados. Hai está

apaixonado por Lan, mas ele não pode pagar por ela. Lan vive em meio à assombrosa pobreza e anseia por morar no lindo mundo dos elegantes hotéis onde trabalha, mas onde jamais consegue passar as noites. Ela espera que o dinheiro obtido com a prostituição seja o caminho para escapar daquela vida, mas, em vez disso, o trabalho serve apenas para brutalizar e escravizar a moça.

Então, Hai participa de uma corrida de cicloriquixás e ganha o prêmio principal. Com o dinheiro, leva Lan para um hotel. Ele paga as despesas da hospedagem e dos serviços da garota. Então, para espanto geral, diz a ela que deseja apenas observá-la enquanto ela dorme. Em vez de usar o poder de sua riqueza para fazer sexo com ela, ele gasta seu dinheiro para comprar para ela uma noite no mundo normal, para realizar o desejo que ela tem de pertencer àquele lugar. De início, Lan acha a situação muito perturbadora, imaginando que Hai toma tal atitude apenas para controlá-la. Quando fica claro que ele usa seu poder para servir, em vez de para usá-la, a moça começa a se transformar, ficando impossível para ela retornar à vida de prostituição.

Jesus Cristo, que tinha todos os poderes do mundo, nos viu escravizados pelas mesmas coisas que pensávamos que iriam nos libertar. Assim, ele se esvaziou de toda a glória e se fez servo (Filipenses 2). Ele deixou de lado a infinitude e a imensidão de seu ser e, às custas de sua própria vida, pagou a dívida por nossos pecados, nos comprando o único lugar em que o coração encontra sossego: a casa de seu Pai.

A compreensão dessa ação serve para nos transformar de fora para dentro, assim como o amor altruísta de Hai fez por Lan. Por que você não iria querer se oferecer a alguém assim? O amor altruísta destrói a desconfiança de nossos corações em relação a Deus que nos torna tanto irmãos mais novos *quanto* irmãos mais velhos.

John Newton, autor do hino "Amazing Grace", escreveu outro hino que resume isso muito bem:

*Prazer e dever,*
*antes opostos,*
*depois de vista a graça*
*agora unidos, sempre.*

Em poucas palavras, Newton consegue expressar nosso dilema. A escolha diante de nós parece ser: ou o afastamento de Deus para perseguir os desejos do coração, como fez o filho mais novo, ou a repressão dos desejos e a submissão aos deveres morais, como fez o filho mais velho. Mas o amor sacrifical e custoso de Jesus na cruz muda tudo isso. Quando percebemos a beleza de tudo que ele fez por nós, nosso coração acaba atraído por ele. Percebemos que o amor, que a grandeza, que o consolo e a honra que sempre buscamos nas outras coisas estão bem aqui. Tamanha beleza também elimina o medo. Se o Senhor do Universo nos amou o suficiente para suportar tudo aquilo por nós, o que haverá para temermos? Quanto mais "virmos sua beleza", mais seremos libertos do medo e da necessidade de ser tanto irmãos mais novos quanto irmãos mais velhos.

Um amigo de John Newton, o poeta William Cowper, trata essa ideia com outro hino:

*Ver a Lei de Cristo cumprida,*
*e ouvir sua voz clemente,*
*transforma escravos em crianças*
*e o dever em mera escolha.*

Jamais deixaremos de ser irmãos mais novos ou irmãos mais velhos enquanto não reconhecermos nossas necessidades, enquanto não descansarmos pela fé e enquanto não admirarmos a obra de nosso verdadeiro irmão mais velho, Jesus Cristo.

# Capítulo 6

## Redefinindo a esperança

*"Foi para uma região distante"*

## A saudade de casa

É IMPORTANTE LER A PARÁBOLA contada por Jesus sobre os filhos perdidos no contexto de todo o capítulo 15 do evangelho de Lucas, mas a história se situa em um contexto ainda mais amplo. Se lermos a narrativa sob a luz do tema recorrente na Bíblia do exílio e da volta para a casa, poderemos compreender que Jesus nos deu mais que um relato tocante de uma redenção individual. Ele reconta a história de toda a raça humana, e promete nada menos do que esperança para o mundo todo.

Na parábola de Jesus, o filho mais novo parte para uma região distante esperando uma vida melhor, mas acaba frustrado. Ele começa a sentir saudades de casa, lembrando-se de toda a comida da casa do pai. O mesmo acontece com todos nós.

A palavra "casa" exerce uma grande influência sobre a vida humana. Os cidadãos norte-americanos nascidos em outros países gastam bilhões de dólares

por ano para visitar as comunidades em que nasceram. As crianças que nunca encontram um lugar onde sentem que a ele pertencem acabam carregando uma incapacidade para criar laços durante toda a vida. Muitos de nós têm memória de épocas, pessoas e lugares onde nos sentíamos verdadeiramente em casa. No entanto, quando temos a oportunidade de retornar para esses lugares de que lembramos com tanto carinho, geralmente ficamos decepcionados. Durante trinta e nove anos, minha esposa Kathy passou os verões com sua família em uma casa de campo em ruínas às margens do Lago Erie. A simples lembrança daquele lugar representa um alento para o espírito de Kathy. Mas viajar até a propriedade, atualmente muito dilapidada, é uma experiência extremamente dolorosa. Não mudaria muita coisa se o terreno fosse comprado e um condomínio fosse construído no local. Hoje, as visitas feitas ao lugar sempre deixam no ar uma sensação de perda.

A casa, portanto, é um conceito poderoso, ainda que de difícil explicação. Os fortes sentimentos que a cercam revelam uma profunda saudade dentro de nós por um lugar perfeito que nos abriga, onde

podemos ser, ou talvez encontrar, o verdadeiro eu interior. Apesar disso, parece que nenhum lugar real ou nenhuma família jamais conseguirá satisfazer esses anseios, ainda que algumas situações cheguem bem perto. No romance *A Separate Peace*, o personagem central do autor John Knowles descobre que as manhãs de verão em New Hampshire lhe trazem "sentimentos tão desesperadamente promissores que caía de volta na cama para me proteger deles... Queria irromper em lágrimas pelas pontadas de alegria impossível, ou pela intolerável promessa, ou porque as manhãs eram tão cheias de beleza para mim". Em *A leste do Éden*, John Steinbeck, de forma semelhante, fala sobre montanhas da parte central da Califórnia, as quais desejava "escalar os calorosos contrafortes, quase como se quisesse escalar até o colo de uma mãe amorosa."[11] A memória do lar também parece ser evocada de forma poderosa por meio de certas paisagens, sons e até mesmo cheiros. Mas essas evocações apenas excitam um desejo que não pode ser realizado. Muitas das pessoas de minha igreja me contaram como o Natal e o Dia de Ação de Graças lhes são decepcionantes. Elas se preparam para o feriado

com a esperança de que, finalmente, neste ano, a reunião da família naquele lugar especial irá devolver a experiência do aconchego, da alegria, do conforto e do amor que tanto esperam. Mas a expectativa quase sempre acaba frustrada, esmagada pelo peso de nossas esperanças impossíveis.

Há uma palavra em alemão que sintetiza este conceito — a palavra *Sehnsucht*. Os dicionários lhe dirão que não há um sinônimo simples no inglês. Ela denota uma profunda saudade de casa, mas com um significado subjacente. O autor que mais refletiu sobre esta "saudade espiritual" foi C. S. Lewis, no famoso sermão "O Peso de Glória". Ele descreve muitas experiências similares às descritas por Steinbeck e Knowles, e acrescenta:

> O expediente mais comum é chamá-la bela e se comportar como se isso resolvesse o assunto. O expediente usado por Wordsworth foi identificá-la com certos momentos de seu próprio passado. Mas tudo isso não passa de um engano. Se Wordsworth tivesse voltado para esses momentos do passado, não teria encontrado o mo-

> mento em si, mas apenas uma lembrança; aquilo de que ele se lembrava acabaria virando apenas outra lembrança. Os livros ou as músicas nas quais achamos que está a beleza nos irão trair se confiarmos neles; a beleza não está lá, apenas veio por meio deles, e o que vem por meio desses objetos é a saudade. Essas coisas — a beleza, a memória de nosso passado — são boas imagens do que realmente desejamos; mas, se forem confundidas com o objeto em si, acabarão por se tornar apenas ídolos vazios, partindo o coração de quem os adora. Pois eles não são o objeto em si (...) Então, acordamos apenas para descobrir (...) que temos sido meros espectadores. A beleza sorriu, mas não nos convidou; sua face se voltou em nossa direção, mas não para nos enxergar. Não fomos aceitos, convidados ou acolhidos...

A nostalgia que dura toda a vida, o anseio de se reunir com algo no universo do qual nos sentimos separados, estar para dentro de uma porta que sempre vimos pelo lado de fora, tudo isso não é bobagem

neurótica, mas o mais verdadeiro indicador de nossa real situação.[12]

Assim, parece haver um aspecto no qual somos todos como o filho mais novo. Somos todos exilados, sempre com saudades de casa. Estamos sempre viajando, jamais chegando. As casas e as famílias de que realmente fazemos parte são apenas estalagens distribuídas pelo caminho, mas não são nossas casas. A casa continua a nos fugir.

Mas por que o conceito de "casa" é tão poderoso, ainda que tão fugaz para nós? A resposta pode ser encontrada conforme examinamos os temas mais dominantes da Bíblia. A experiência que estamos descrevendo é o traço em nossa alma dessa história maior.

No começo do livro do Gênesis, descobrimos o motivo por que todos nós nos sentimos como exilados, como se não estivéssemos em casa. É-nos dito que fomos criados para viver no jardim de Deus. Aquele é o mundo para o qual fomos criados, um lugar em que não há morte ou ausência de amor, não há decadência nem qualquer doença. E tal mundo era tudo isso porque era vida ante a face de Deus, ante sua presença. Lá, devíamos apenas adorar e servir sua

infinita majestade, conhecendo, desfrutando e refletindo sua infinita beleza. Era nossa casa original, o verdadeiro país a que pertencíamos.

No entanto, a Bíblia ensina que, como na parábola de Jesus, Deus era o "pai" daquela casa e nós nos irritávamos com sua autoridade. Queríamos viver sem a interferência de Deus, e por isso partimos, ficando alienados em relação a ele, e perdemos nosso lar pela mesma razão que o filho mais novo perdeu o seu. O resultado foi o exílio.

A Bíblia diz que temos vagado como exilados espirituais desde então. Isto é, temos vivido em um mundo que não mais responde a nossos profundos anseios. Apesar de desejarmos corpos que "correm e não se cansam", acabamos sujeitos a doenças, ao envelhecimento e à morte. Apesar de necessitarmos de amor duradouro, todos os nossos relacionamentos estão sujeitos à entropia do tempo, e eles se despedaçam em nossas mãos. Mesmo as pessoas que se mantêm fiéis a nós morrem e nos deixam, ou nós mesmos morremos e as deixamos. Apesar de desejarmos fazer a diferença no mundo por meio de nossas boas ações, experimentamos a frustração interminável. Nunca

realizamos plenamente nossos sonhos e nossas esperanças. Podemos até trabalhar duro para recriar a casa que perdemos, mas, diz a Bíblia, ela só existe na presença do pai celestial, de quem fugimos.

Este tema é repetido muitas vezes na Bíblia. Depois do exílio de Adão e Eva da casa original, o filho deles, Caim, foi condenado a perambular incessantemente pela terra por ter assassinado seu irmão, Abel. Depois, Jacó enganou seu pai e seu irmão e passou anos no exílio. Depois disso, o filho de Jacó, José, e a família dele foram expulsos de sua terra para o Egito por conta de uma grande fome. Lá, os israelitas foram feitos escravos até que, sob Moisés, retornaram para o lar ancestral. Séculos depois disso, Davi, antes de se tornar Rei, viveu como um fugitivo perseguido. Por fim, toda a nação de Israel foi novamente exilada, feita prisioneira da Babilônia pelo Rei Nabucodonosor.

Não é mera coincidência o fato de história após história conter esse padrão do exílio. A mensagem da Bíblia é que a raça humana consiste de um bando de exilados tentando voltar para casa. A parábola do filho pródigo é sobre cada um de nós.

## A dificuldade do retorno

"Casa", disse o famoso Robert Frost, "é onde, quando você tem que ir, eles têm de aceitar você." O filho mais novo, no entanto, sabe que um retorno bem-sucedido não é inevitável. Por quê? Seus pecados criaram uma barreira, e ele não tem ideia de como esse muro pode ser superado. Ele sabe que pode acabar rejeitado e forçado a permanecer no exílio. De modo análogo, a Bíblia mostra como são altas as barreiras da nossa própria volta para casa como raça humana.

Durante o exílio na Babilônia, os profetas de Israel predisseram um grande retorno para casa por meio da graça de Deus. Finalmente, o povo de Israel teve permissão para deixar a Babilônia e retornar à terra natal. Apenas uma minoria dos judeus de fato retornou para a Palestina, e lá continuaram sob o domínio da Pérsia. Depois, potência após potência invadiu e controlou Israel: primeiro a Grécia, depois a Síria, e, por fim, Roma.

O povo continuava oprimido. Todos os "mini-êxodos" e as "minivoltas" da Bíblia falharam em atingir a volta final e completa prometida pelos profetas,

pela qual todos ansiavam. Por quê? Um dos motivos era o estado de perdição *contido* nos seres humanos. Israel, em particular, e a raça humana, de modo geral, continuavam atolados em egoísmo, em orgulho e em pecado. Somos oprimidos por conflitos dentro dos nossos próprios corações do mesmo modo que pelas constantes batalhas e pelas guerras com as nações vizinhas. Necessitamos de uma mudança radical em nossa própria natureza. O segundo motivo é a perdição *ao redor* dos seres humanos. Há mais coisas contidas no estado de "exílio" do que apenas o mal moral dos seres humanos. De acordo com a Bíblia, vivemos em um mundo natural que agora está "caído". Não fomos criados para um mundo de doenças e desastres naturais, um mundo em que tudo fica decadente e morre, incluindo nós mesmos. Este mundo, como agora o experimentamos, não é a casa de que temos saudades. Uma volta verdadeira e final ao lar significa uma mudança radical não apenas na natureza humana, mas no próprio tecido do mundo material. Como isso pode ser alcançado?

Nos tempos do ministério de Jesus, muitas pessoas em Israel haviam se dado conta de que, apesar

do regresso da Babilônia, a nação continuava exilada. A injustiça e a opressão, as perdas e as aflições ainda dominavam a vida da nação. A volta para casa final não havia acontecido. Muitos, portanto, começaram a orar para Deus por essa volta, mas a imaginavam como uma liberação nacional e política para Israel. Pensava-se que o Messias, o rei que redimiria Israel, seria uma figura de grande força militar e de enorme poderio político. Ele viria para seu povo, seria por eles reconhecido e os conduziria para a vitória.

Então apareceu Jesus, e declarou que estava trazendo consigo "o Reino de Deus" (Marcos 1:15). O povo se reuniu avidamente ao seu redor para observá-lo e para ouvi-lo, mas nada naquele homem atendia às expectativas. Ele não havia nascido por detrás das cortinas reais, mas em uma manjedoura, no meio do feno, longe de casa. Durante seu ministério, ele caminhou, sem jamais assentar, e disse: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça" (Mateus 8:20). Ele permaneceu completamente alheio à rede dos poderes políticos e econômicos. Sequer buscou obter credenciamento acadêmico ou religioso. Por fim, no

final de sua vida, foi crucificado além dos muros da cidade, um símbolo poderoso de rejeição por parte da comunidade, um símbolo de exílio. Ao morrer, ele disse: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?" (Mateus 27:46), um tremendo grito de abandono espiritual e de falta de abrigo.

O que aconteceu? Jesus não veio apenas para libertar uma nação da opressão política, mas para salvar a nós todos do pecado, do mal e da própria morte. Ele veio para levar a raça humana para "casa". Assim, não veio em fortaleza, mas em fraqueza. Veio e experimentou o exílio que nós merecíamos. Foi expulso da presença do Pai, foi lançado na escuridão, no mais inexprimível desespero de alienação espiritual — no nosso lugar. Ele tomou para si todas as consequências da rebeldia humana, do sentimento de não pertencer a lugar algum do cosmo, para que pudéssemos ser recebidos em nossa verdadeira casa.

## O banquete no fim da história

Jesus não apenas morreu como também levantou da sepultura no terceiro dia. Ele derrotou o poder da

morte (Hebreus 2:14). "Mas Deus o ressuscitou dos mortos, rompendo os laços da morte, porque era impossível que a morte o retivesse" (Atos 2:24). Por ter pagado o preço por nossos pecados com sua morte, Jesus alcançou a vitória sobre o poder da morte, da decadência e da desordem que impedem o mundo de ser nossa verdadeira casa. Algum dia ele irá retornar para tornar essa vitória completa. Isaías escreveu:

> "Seu Deus virá (...) virá para salvá-los. Então se abrirão os olhos dos cegos e se destaparão os ouvidos dos surdos. Então os coxos saltarão como o cervo, e a língua do mudo cantará de alegria. Os que o Senhor resgatou voltarão. Entrarão em Sião com cantos de alegria; duradoura alegria coroará sua cabeça. Júbilo e alegria se apoderarão deles, e a tristeza e o suspiro fugirão." (Isaías 35)

No fim da história dos filhos pródigos, há um banquete de boas-vindas. Assim, também, no fim do livro do Apocalipse, no fim da história, há um banquete, o "banquete do casamento do Cordeiro"

(Apocalipse 19). O Cordeiro é Jesus, que se sacrificou pelos pecados do mundo, para que pudéssemos ser perdoados e devolvidos para casa. O banquete acontece depois de a Nova Jerusalém, a Cidade Santa, descer do céu para preencher a terra (Apocalipse 21-22). É-nos dito que mesmo a presença de Deus pode ser sentida nesta cidade, onde fica, em lugar notável, a árvore da vida, cujas folhas promovem "a cura das nações" (Apocalipse 22:2). A árvore da vida, é claro, fica no jardim do Éden. No fim da história, toda a terra torna a ser o Jardim de Deus. A morte, a decadência e o sofrimento são abolidos. As nações não mais entram em guerra. "Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou" (Apocalipse 21:4).

Jesus, ao contrário dos fundadores de outras grandes religiões, promete esperança para a vida humana. Nosso futuro não será uma forma eterna e impessoal de consciência. Não iremos flutuar no ar; em vez disso, iremos comer, abraçar, rir, cantar e dançar no reino de Deus, com tanta força, glória e alegria que hoje nem podemos conceber.

Jesus tornará o mundo nossa casa perfeita novamente. Não mais estaremos morando "a leste do Éden", sempre vagando e nunca chegando. Chegaremos, e o pai irá nos encontrar e nos abraçar, e seremos convidados para o banquete.

# Capítulo 7

## O BANQUETE DO PAI

*"Ouviu a música e a dança"*

Se acreditarmos no evangelho, confiarmos na obra de Jesus e recebermos uma nova identidade e um novo relacionamento com Deus, o que acontecerá? Como nossa vida mudará se a vivermos baseada nas mensagens de Jesus acerca do pecado, da graça e da esperança?

Na profecia de Isaías sobre os novos céus e a nova terra, ele declara que, como toda volta para casa, esta última volta será marcada pelo último grande banquete (Isaías 25). Com frequência, Jesus também retrata a salvação que traz consigo como um banquete. "Muitos virão do oriente e do ocidente", disse ele a seus seguidores, "e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos céus" (Mateus 8:11). Ele deixou uma refeição — o que hoje chamamos de Ceia do Senhor, ou Eucaristia — como sinal de sua graça salvadora. E, é claro, a parábola de Jesus sobre os dois filhos perdidos também termina em um banquete, que representa o grande festival de Deus no fim da história.

Mas por que ele fala dessa maneira? Ele assim o faz porque não há meio melhor de retratar o que significa viver uma vida baseada em sua obra salvadora. Há quatro maneiras de se experimentar um banquete que correspondem às maneiras com que nossa vida pode ser moldada pela mensagem do evangelho de Jesus.

## A salvação é experimental

Um banquete é uma festa em que o apetite e os sentidos — a visão, o olfato, a audição e o paladar — são satisfeitos. Em João 2, ficamos sabendo que Jesus estava em uma recepção de um casamento, onde o vinho acabou cedo demais. Tanto o casal nupcial quanto o "encarregado da festa", o que poderíamos chamar de mestre de cerimônias, corriam o risco da humilhação social. No entanto, em sua primeira demonstração pública dos poderes divinos, Jesus transformou vários recipientes cheios de água em vinho. De forma surpreendente, João, o autor deste evangelho, classifica esse milagre como um "sinal", ou um exemplo sobre o que se tratava o ministério de Jesus. Mas por que

esse foi seu ato inaugural? Por que Jesus, para expressar o que havia vindo fazer, escolhe transformar 150 galões de água em um soberbo vinho, apenas para dar continuidade à festa?

A resposta para essa pergunta é que Jesus veio para trazer a alegria festiva. Ele é o verdadeiro, o real "Mestre do Banquete", o Senhor da festa. Conforme vimos, Jesus assumiu a responsabilidade por nossos pecados, tomou nosso lugar. Por esse motivo, teólogos cristãos muito falam sobre os aspectos legais da salvação de Jesus. Jesus nos assegura o veredicto legal de "inocente", de modo que deixamos de ser responsáveis pelas transgressões. No entanto, a salvação não é apenas legal e objetiva, mas também experimental e subjetiva. A Bíblia insiste em usar uma linguagem sensorial em relação à salvação. Ela nos convida para "*provar e ver*" que o Senhor é bom, não para apenas concordar e acreditar. Em um famoso sermão chamado "A Divine and Supernatural Light", John Edwards diz:

> "Há uma diferença entre acreditar que Deus é divino e gracioso e ter uma nova compreensão,

> dentro do coração, da afabilidade e da beleza dessa graça e dessa divindade. A diferença entre acreditar que Deus é gracioso e experimentar a graciosidade de Deus é semelhante à diferença entre a crença racional de que o mel é doce e ter a noção exata de tamanha doçura."[13]

A salvação de Jesus é um banquete e, portanto, quando acreditamos e descansamos seguros na obra que ele realizou por nós, por meio do Espírito Santo ele se torna real em nossos corações. O amor dele é como mel, ou como vinho. Em vez de apenas acreditar que ele é amoroso, podemos experimentar essa realidade, a beleza e o poder de seu amor. O amor dele pode ser ainda mais real para você que o amor de qualquer pessoa; esse amor lhe traz alegria, ânimo e consolo. Ele o reerguerá e o libertará de todo o medo, como nada jamais conseguiu fazer antes.

E isso faz toda a diferença. Se você estiver repleto de vergonha e de culpa, então não basta acreditar no conceito abstrato da misericórdia de Deus. É preciso sentir, no fundo do coração, por assim dizer, a doçura de sua misericórdia. Só então você sa-

berá que foi aceito. Se você estiver repleto de preocupação e ansiedade, não bastará acreditar que Deus está no controle das coisas. Será preciso ver, com os olhos do coração, toda a sua majestade deslumbrante. Só então você saberá que ele tem tudo na mão.

Mas é realmente possível viver tais experiências? Algumas pessoas têm mais dificuldades que as outras, por terem uma propensão para a racionalidade e para o controle. Outras pessoas, acredito, têm tanta fome de experiências místicas que notam cada intuição ou sensação mais intensa como uma "palavra do Senhor". Para resumir, a maioria de nós ou tem muita vontade ou não tem vontade suficiente para aquilo que Jesus oferece. Mas o que ele oferece é acesso à presença do Pai. Trata-se apenas de uma amostra agora, que aumenta ou diminui de intensidade com os anos que passamos orando e buscando ver a face dele com a ajuda do Espírito. Mas já está disponível. Isaac Watts, autor de muitos hinos, trata do assunto com estas palavras: "Os montes do Sião guardam mil doçuras sagradas, antes mesmo de alcançarmos os campos celestiais, ou de andarmos pelas ruas douradas."

## A salvação é material

Fazer uma refeição é uma experiência bastante física. Jesus deixou uma refeição, a Ceia do Senhor, para que nos lembrássemos dele; o objetivo final da história também é uma refeição, o banquete do casamento do Cordeiro (Apocalipse 19). O Cristo ressuscitado comeu com seus discípulos quando os encontrou (Lucas 24:42-43; João 21:9). Mas o que significa tudo isso? É um sinal de que, para Jesus, este mundo material tem importância.

O livro do Gênesis nos conta que quando Deus fez este mundo, ele olhou para sua criação material e a chamou de "boa". Ele ama e se importa com o mundo material. A reencarnação de Jesus e a promessa de novos céus e de uma nova terra mostram claramente que ele se preocupa com este mundo. O mundo em que vivemos não é um simples teatro criado para encenar narrativas de conversões individuais, não existe apenas para ser descartado no fim, quando todos iremos para o céu. Não, o propósito final de Jesus consiste não apenas da salvação individual e do perdão pelos pecados, mas também

da renovação deste mundo, com o fim das doenças, da pobreza, da injustiça, da violência, do sofrimento e da morte. O clímax da história não remete a uma forma mais elevada de consciência desligada do corpo, mas a um banquete. Deus criou o mundo com todas as cores, com todos os sabores, todas as luzes, todos os sonos, com todas as formas de vida ligadas em sistemas interdependentes. Ele agora está desfigurado, manchado e quebrado, mas Deus não irá descansar até que o tenha consertado.

Se o mundo material fosse apenas uma ilusão, como dizem os filósofos orientais, ou apenas uma cópia temporária do mundo real e ideal, como diz Platão, então tudo que acontece neste mundo ou nesta vida não teria importância. Tudo que importaria seriam as questões ligadas à alma ou ao espírito. No entanto, Jesus não foi salvo apenas "em espírito", mas ele ressuscitou no corpo. Tudo no ministério de Jesus demonstrava isso. Jesus não pregou apenas a palavra, mas também curou os enfermos, alimentou os famintos e atendeu às necessidades dos pobres.

Em Mateus 25, Jesus descreve o dia do julgamento. Muitos lá estarão e o chamarão de "Senhor",

mas diz Jesus, de forma surpreendente, que se eles não tiverem servido aos famintos, aos refugiados, aos enfermos e aos prisioneiros, então de fato não serviram a ele (Mateus 25:34-40). Esse pensamento não contradiz em nada aquilo que ouvimos de Jesus na parábola do filho pródigo. Ele não está dizendo que apenas as pessoas que fazem trabalhos sociais serão admitidas no céu. Em vez disso, está dizendo que o sinal infalível de que você foi um pecador salvo pela graça custosa e absoluta é a presença de uma consciência social sensível e de uma vida dedicada ao serviço para os pobres. Irmãos mais novos são muito egoístas, e irmãos mais velhos são demasiado farisaicos para cuidar dos pobres.

Dessa forma, o Cristianismo é talvez a mais materialista das grandes religiões do mundo. Os milagres de Cristo não foram violações da ordem natural, mas, antes, uma restauração da ordem natural. Deus não criou o mundo com cegueira, lepra, fome e morte. Os milagres de Jesus eram sinais de que, algum dia, toda essa corrupção da criação seria abolida. Os cristãos, portanto, podem falar sobre a salvação da alma

tanto quanto da construção de sistemas sociais que tenham ruas mais seguras e lares mais aconchegantes na mesma frase. E com coerência.

Jesus odeia o sofrimento, a injustiça, o mal e a morte de tal forma que veio e experimentou essas sensações para que pudesse vencê-las e, um dia, livrar o mundo de todas elas. Sabendo de tudo isso, os cristãos não podem permanecer impassíveis em relação à fome, às doenças e à injustiça. Karl Marx e outros pensadores acusaram a religião de ser o "ópio das massas". Isto é, ela seria um sedativo que faz com que as pessoas sejam passivas em relação à injustiça, porque haverá "a festa no céu e tchau, tchau". Isso talvez possa ser dito de algumas religiões que ensinam seus adeptos que este mundo material não tem importância e é ilusório. O Cristianismo, entretanto, ensina que Deus odeia o sofrimento e a opressão do mundo material de tal forma que decidiu se envolver e lutar contra esses males. Quando compreendido de forma apropriada, o Cristianismo de modo algum funciona como ópio do povo. Ele está mais para sais aromáticos.

## A salvação é individual

Uma refeição significa crescimento por meio da nutrição. A Ceia do Senhor, também chamada Comunhão ou Eucaristia, representa o crescimento constante na graça de Deus. Para sobreviver e crescer, as pessoas precisam comer e beber regularmente. E é isto que devemos fazer com o evangelho da graça de Deus. Temos de nos apropriar pessoalmente dele, tornando-o peça central de tudo que vemos, pensamos e sentimos. É assim que aumentamos, no sentido espiritual, a sabedoria, o amor, a alegria e a paz.

As religiões operam segundo o princípio: "*Eu obedeço — portanto, sou aceito por Deus.*" O princípio básico de funcionamento do evangelho é: "*Sou aceito por Deus através da obra de Jesus Cristo — portanto, obedeço.*" Conforme vimos, a crença no evangelho é o meio pelo qual uma pessoa faz o primeiro contato com Deus. Essa crença nos fornece um novo relacionamento com Deus e uma nova identidade. Não devemos pensar, no entanto, que ao passar a acreditar, o cristão compreende por completo a mensagem do evangelho. Um dos pensamentos fundamentais

de Martinho Lutero era que a "religião" é o modo padrão do coração humano. Seu computador opera automaticamente em um modo padrão até que, deliberadamente, você dê instruções para que ele aja de outro modo. Da mesma maneira, Lutero diz que, mesmo depois da conversão pelo evangelho, o coração torna a operar segundo outros princípios, a menos que você, deliberadamente, repita o comando para ele funcionar segundo o evangelho.

De modo geral e instintivamente, costumamos focar em outras coisas que não Deus e sua graça em busca de justificação, de esperança, de significado e de segurança. Acreditamos no evangelho até certo ponto, mas não passamos aos níveis mais profundos. A aprovação alheia, o sucesso profissional, o poder e a influência, a família e a identidade com o grupo — todas essas coisas servem como "muletas funcionais" para nossos corações, ocupando o lugar de tudo o que Cristo fez, e, por causa disso, continuamos a ser motivados em grande medida pelo medo, pela raiva e pela falta de autocontrole. Não é possível mudar tais aspectos por meio da mera força de vontade, tentando aprender os princípios Bíblicos e forçando a aplicação

deles. Só conseguimos realizar mudanças permanentes quando levamos o evangelho mais profundamente a nosso entendimento e a nosso coração. Temos de nos alimentar com o evangelho, por assim dizer, digerindo-o e tornando-o parte de nós mesmos. É assim que crescemos.

Mas como isso funciona?

Esse crescimento se manifesta de muitas maneiras. Talvez você deseje se tornar mais generoso em relação a seu dinheiro. Mas isso não irá acontecer simplesmente forçando sua vontade a fazê-lo. Em vez disso, você tem de refletir sobre as coisas que o impedem de fazer doações mais generosas. Para muitos de nós, ter muito dinheiro é um modo pelo qual conseguimos a aprovação e o respeito alheio, e um modo para sentirmos ter controle da vida e do meio que nos cerca. Assim, o dinheiro se torna não apenas objeto, mas algo em que o coração deposita esperança e confiança. Veja como São Paulo, em sua carta à igreja de Corinto, ajudou aquele povo a crescer na graça da generosidade. Ele não direciona toda a pressão sobre a vontade das pessoas, dizendo: "Sou um apóstolo e este é o dever de vocês para comigo", nem pressiona dire-

tamente por meio do apelo emocional, lhes contando histórias de como os pobres sofrem e como eles têm mais dinheiro em relação aos necessitados. Em vez disso, ele diz: "Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor a vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos". (2 Coríntios 8:9). Paulo os está devolvendo ao evangelho. Ele diz: "Reflitam sobre a custosa graça dele — até que desejem ceder como ele fez."

Talvez você deseje fortalecer seu casamento. Em Efésios 5, Paulo fala com todos os esposos, mas especialmente aos maridos. Muitos dos leitores de Paulo carregavam para dentro do casamento atitudes ruins, trazidas do passado pagão. Na sociedade dominante da época, o casamento era visto principalmente como uma transação comercial — era preciso casar tão "bem" quanto possível para alcançar o reconhecimento social e econômico. A gratificação sexual era buscada de outras formas. Além do mais, ensinavam os homens a desprezar as mulheres e a não tratá-las como iguais ou como amigas. Paulo, no entanto, pretende encorajar os maridos a ser não apenas fiéis se-

xualmente, mas também a celebrar e a honrar suas esposas, ajudando-as a crescer pessoal e espiritualmente. Era uma abordagem completamente nova em relação ao casamento. Mas notem como Paulo segue motivando seus leitores. Novamente, Paulo não ameaça nem simplesmente exalta, nem dá algum exemplo resplandecente para ser copiado. Em vez disso, ele retrata com cores vivas a salvação de Jesus como um amor sacrifical e conjugal. "Maridos, amem cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela (...) para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante". Jesus não nos ama por achar que somos belos; nós nos tornamos belos por meio do amor sacrifical de Jesus. Ele era nosso esposo supremo, e nós, sua "noiva", no evangelho.

A solução para a mesquinhez é a reorientação para a generosidade de Cristo, como descrita no evangelho, já que ele abriu mão de sua riqueza por você. Você não precisa se preocupar com dinheiro, pois a cruz é prova da importância que Deus atribui a você, e essa é toda a segurança de que você precisa.

A salvação e o amor de Jesus conferem a você um *status* notável — algo que o dinheiro jamais poderia comprar. A solução para um casamento turbulento é a imitação radical do amor conjugal de Cristo pelo evangelho. "Não cometerás adultério" é algo que faz bastante sentido no contexto do amor conjugal de Jesus, especialmente na cruz, onde ele lhe foi completamente fiel. Apenas quando se conhece o amor conjugal de Cristo é que você terá forças para combater a luxúria. O amor dele é gratificante — e impede que você busque na sexualidade aquilo que apenas Jesus pode prover.

Aonde quero chegar? Ser fiel ou generoso não significa apenas o esforço redobrado para seguir leis morais. Em vez disso, toda mudança vem do aprofundamento da compreensão da salvação de Cristo e por meio de uma vida de mudanças que surge dentro do coração. A fé no evangelho reconstrói nossas motivações, o entendimento que temos de nós mesmos, nossa identidade e a visão que temos do mundo. A mera submissão às regras de comportamento sem uma mudança no coração será apenas superficial e fugaz.

O evangelho é, portanto, não apenas o ABC da vida cristã, mas também todo o dicionário da vida. Nossos problemas surgem principalmente porque não nos voltamos para o evangelho de forma a aplicá-lo e a viver segundo sua mensagem. É por isso que Martinho Lutero escreveu: "A verdade do evangelho é o artigo principal de toda a doutrina cristã (...). É extremamente necessário que bem conheçamos esse artigo, que o ensinemos aos outros e que o martelemos continuamente sobre as cabeças."[14]

"Espere", já ouvi pessoas discordarem. "Quer dizer que, para crescer em Cristo, você fica repetindo a si mesmo o quão graciosamente amado e aceito você é? Não me parece o melhor jeito de fazer progresso. Talvez a motivação da religião fosse negativa, mas ao menos era efetiva! Você sabia que *tinha* de obedecer a Deus, pois, caso contrário, ele não atenderia suas preces, nem o levaria para o céu. Mas quando você remove esse medo e fala em demasia sobre a livre graça e sobre a aceitação desmerecida — qual é o incentivo que tenho para viver a vida de forma correta? Parece que o estilo de vida do evangelho

não produz pessoas fiéis e diligentes na obediência à vontade de Deus sem questionar."

Mas, se ao perder o medo da punição você também perde o incentivo para viver de forma obediente, então qual era sua motivação real, em primeiro lugar? Só pode ter sido o medo. Que outro incentivo existe? O amor gracioso e respeitoso.

Há alguns anos conheci uma mulher que começou a frequentar a Redentora, a igreja onde sou ministro. Ela disse que frequentava uma igreja que estava em pleno crescimento e que sempre ouvira que Deus só nos aceita se formos suficientemente bons e éticos. Ela jamais ouvira a mensagem que agora estava ouvindo, a de que podemos ser aceitos por Deus na livre graça por meio da obra de Cristo, independentemente daquilo que somos ou do que fizemos. Então, ela respondeu: "Essa é uma ideia assustadora! Sim, é um susto bom, mas não deixa de ser assustador."

Fiquei intrigado. Perguntei-lhe o que ela achava tão assustador em relação à livre graça não merecida. Ela respondeu mais ou menos assim: "Se eu fosse salva por minhas boas ações — então haveria

um limite para o que Deus poderia pedir de mim ou me fazer suportar. Eu gostaria de ser como uma contribuinte, com "direitos". Eu cumpriria meu dever e agora mereceria certa qualidade de vida. Mas se é absolutamente verdadeiro que sou uma pecadora salva pela livre graça — a um custo infinito para Deus — então não há nada que ele não possa pedir de mim." Imediatamente ela percebeu que o ensinamento mais do que maravilhoso da salvação pela livre graça é uma faca de dois gumes. Por um lado, ele corta fora todo medo escravizador. Deus nos ama livremente, apesar de nossas falhas e fracassos. Por outro lado, ela percebeu que, uma vez que Jesus fez o que fez por ela — então não mais pertencia a si própria. Ela foi comprada por um preço.

Ao longo dos anos, ouvi muitas pessoas dizerem: "Bem, se eu acreditasse que posso ser salvo pela livre graça, em vez de por minhas boas ações, poderia viver como eu bem desejasse!" Mas esse raciocínio equivale a dizer que a parábola de Jesus consiste apenas do primeiro ato, sem o segundo. A graça de Deus é livre, sim, mas também tem um custo, e um custo infinito. Dietrich Bonhoeffer ficou horroriza-

do ao ver quantos membros da igreja alemã se renderam a Hitler no começo da década de 1930 e, em resposta, escreveu sua grande obra, *Discipulado*. Nela, ele alertava para os perigos do que chamou de "graça barata", o ensinamento que enfatiza apenas que a graça é livre, de modo que não importa o estilo de vida adotado. A solução, ele dizia, não era o retorno para o legalismo, mas a ênfase em como Deus leva a sério o pecado e em como apenas ele pode nos salvar por meio do custo infinito que assume para si. A compreensão desses conceitos deve, e de fato consegue, mudar profundamente nossa vida. Depois de tal entendimento, deixamos de viver de forma egoísta e covarde. Passamos a defender a justiça e o sacrifício pelo próximo. E não nos importamos com o custo de seguir Cristo quando comparado ao preço que ele pagou para nos resgatar.

Um bom texto bíblico que sintetiza tudo isso é a parábola do semeador, em Mateus 13. O pregador da palavra de Deus, o evangelho, é comparado a um semeador. Há três grupos de pessoas que "recebem" e aceitam o evangelho, mas dois dos grupos não resultam em mudanças de vida. Um dos grupos não tem a

paciência e a resistência para suportar os sofrimentos, enquanto o outro continua a viver de forma ansiosa e materialista. O único grupo que produz mudanças na própria vida não é o das pessoas que dão duro ou que são mais obedientes, mas o grupo que "ouve a palavra e a entende" (Mateus 13:23). Bonhoeffer insistia que as pessoas cujas vidas permaneciam intactas depois da graça de Deus não entendiam o custo da operação, e, portanto, não compreendiam o evangelho. Essas pessoas tinham uma ideia geral do amor universal de Deus, mas não um entendimento verdadeiro da seriedade do pecado e do significado da obra de Cristo para o nosso bem.

No fim, a velha fórmula de Martinho Lutero continua a resumir tudo muito bem: "Somos salvos somente pela fé (não pelas obras), mas não pela fé que é deixada sozinha". Nada do que fazemos serve para merecer a graça e o favor de Deus, podemos apenas acreditar que ele nos dá essas coisas por meio de Jesus Cristo e apenas as recebe pela fé. Mas quando confiamos e acreditamos de verdade naquele que nos serviu por meio do sacrifício, acabamos transformados em pessoas que servem a Deus e ao próximo de modo sa-

crificatório. Quando dizemos: "Creio em Jesus" sem alterar o modo como vivemos, a resposta não é que agora precisamos acrescentar trabalho árduo a nossa fé, mas sim que não entendemos o conceito ou que na verdade não acreditamos em Jesus.

## A salvação é comunal

A definição de banquete é comunal por natureza. Nenhuma reunião, encontro familiar, casamento ou qualquer evento social relevante fica completo sem uma refeição. Quando convidamos alguém para comer conosco, trata-se de um convite para relaxar e para conhecermos uns aos outros. Em muitas culturas, o convite para uma refeição é uma oferta de amizade.

Vivemos em uma cultura em que os interesses e os desejos dos indivíduos têm preferência sobre as vontades da família, do grupo ou da comunidade. Como consequência, uma grande quantidade de pessoas acaba querendo alcançar o crescimento espiritual sem perder a independência para a igreja ou outra instituição organizada. Muitas vezes, é este o significado por trás das alegações comuns de "Tenho uma

espiritualidade, mas não sou religioso" e "Gosto de Jesus, mas não do cristianismo". Muitas pessoas que se lançam em uma busca espiritual têm más experiências com igrejas. Por isso, deixam de participar. Elas se interessam por um relacionamento com Deus, mas não quando têm de ser parte de uma organização.

Tentei explicar neste livro por que as igrejas — e todas as instituições religiosas — são tão desagradáveis. Elas estão repletas de irmãos mais velhos. Não obstante, evitar tais instituições por estarem cheias de irmãos mais velhos não passa de outra forma de farisaísmo. Além do mais, não há maneira de crescer espiritualmente que não esteja ligada a um profundo envolvimento com outros fiéis. Não é possível viver uma vida cristã sem um grupo de amigos cristãos, sem uma família de fiéis na qual você encontra seu lugar.

C. S. Lewis fazia parte de um famoso círculo de amigos chamado "Inklings", que incluía J. R. R. Tolkien, autor de *O Senhor dos Anéis*, e também Charles Williams, que morreu de forma inesperada depois da Segunda Guerra Mundial. Lewis escreveu uma surpreendente reflexão sobre a morte do amigo

em um ensaio chamado "Amizade", em seu livro *Os Quatro Amores*.

> Em cada um de meus amigos há algo que apenas outro amigo pode fazer surgir plenamente. Sozinho, não sou grande o bastante para convidar o homem a trazer este algo à tona; preciso de outras luzes que não a minha para revelar todas as suas facetas. Agora que Charles [Williams] está morto, jamais tornarei a ver a reação de Ronald [Tolkien] ante uma piada específica de Charles. Em vez de ter mais de Ronald, tendo-o mais "para mim" agora que Charles se foi, tenho ainda menos de Ronald (...) Neste aspecto, a Amizade exibe uma gloriosa "proximidade por semelhança" com o próprio céu, onde a multidão de abençoados (que homem algum pode contar) aumenta o desfrute que cada um de nós tem de Deus. Para cada alma, o fato de vê-Lo à sua própria maneira, sem dúvida, serve para comunicar essa visão única para todos os outros. Este, diz um antigo autor, é o porquê de os Serafins da visão de Isaías clamarem: "Santo,

> Santo, Santo" uns aos outros (Isaías 6:3). Quanto mais dividirmos dessa maneira o Pão Celestial entre nós, mais dele teremos.[15]

Lewis está tentando dizer que é necessária toda uma comunidade para conhecer um indivíduo. Quanto mais isto não seria verdade em relação a Jesus Cristo? Geralmente os cristãos dizem que querem um relacionamento com Jesus, que desejam "conhecer melhor Jesus". Mas você jamais conseguirá isso sozinho. É preciso estar envolvido profundamente com uma igreja, com uma comunidade cristã, com relacionamentos profundamente amorosos e compromissados. Apenas quando se é parte de uma comunidade de fiéis que buscam se parecer com Jesus, servi-lo e amá-lo é que se consegue conhecê-lo e crescer à semelhança dele.

## A festa de Babette

A grande parábola de Jesus sobre o filho pródigo reconta a história de toda a Bíblia, e a história de toda a humanidade. Nessa história, Jesus ensina que os dois

estilos de vida mais comuns são ambos becos sem saída espirituais. Ele demonstra que o enredo de nossa vida só consegue encontrar um desenlace, um final feliz, nele, na sua pessoa e em sua obra.

A adorável história de Isak Dinensen *A festa de Babette* também termina com um banquete, e também nos ensina sobre dois modos de vida comuns que são inadequados e sobre a realidade de um terceiro caminho.

A história de Dinensen trata de duas senhoras, Martine e Phillipa, filhas de um pastor muito severo que funda uma pequena seita religiosa na vila onde vivem. Enquanto amadurecem, ambas as irmãs se veem tentadas a viver uma vida de sensualidade. Martine é cortejada por um elegante tenente que deseja levá-la embora rapidamente. Phillipa é procurada pelo diretor da Ópera de Paris, que fica encantado pela pureza e pela clareza de sua voz. No fim, ambas as filhas se voltam contra a vida dos prazeres mundanos para ajudar ao pai em sua missão. Depois da morte dele, elas continuam a presidir a rígida comunidade religiosa e moralista em uma pequena aldeia na gélida costa de Jutland, na parte oeste da Dinamarca.

Mas a comunidade não vai bem. A vida das pessoas se torna fria e lamacenta como o clima cinzento, úmido e tempestuoso da região. Quase todos os adeptos acabam incorrendo em pecado com outra pessoa do lugar. Muitos deixam de falar uns com os outros. O orgulho e a dor acabam alimentados, e a amargura cresce a níveis alarmantes. A aldeia logo se torna um lugar indescritivelmente desagradável.

Então, Martine e Phillipa acolhem uma refugiada política, Babette, que passa a viver com elas como criada. Quando Babette inesperadamente ganha na loteria, ela se oferece para preparar e custear um banquete de comemoração para a comunidade, em memória do aniversário do pai de ambas. Por acaso, Babette é uma das maiores *chefs* de Paris, e a festa que ela planeja se mostra um delicioso banquete.

Chega o dia da festa e os convidados estão chegando. Uma idosa senhora que vivia próximo à aldeia, Sra. Loewenholm, pretende honrar a memória do pastor, então convida seu sobrinho para acompanhá-la ao banquete. Mas o sobrinho não é ninguém menos que o jovem tenente que cortejava Martine muitos anos antes, agora um grande general. Assim

que o general chega com sua carruagem, começa a refletir sobre o passado. Ele sente que, mesmo com todo o seu sucesso mundano, jamais alcançou a felicidade. Ele se lembra de Martine e da seriedade espiritual da moça e se pergunta se perdeu o que realmente importava na vida. Martine e Phillipa, no entanto, também jamais alcançaram aquilo que esperavam, ainda que tivessem tomado o caminho do serviço religioso.

Então, todos se sentam e começam a comer. Imediatamente todos ficam estupefatos pela maravilhosa qualidade e pela preparação perfeita da comida. O poder do banquete começa a derrubar a defesa das pessoas. Uma a uma, sob a influência da comida e da bebida maravilhosas, antigos inimigos passam a ceder uns aos outros. Palavras e comentários se tornam doces conforme a comida passa de mão em mão. O perdão é pedido e concedido. Duas mulheres que ficaram sem se falar por muitos anos, agora tocam as testas de forma carinhosa, dizendo: "Deus a abençoe, querida Solveig" e "Deus a abençoe também, querida Anna". Depois, Phillipa começa a cantar para todos com sua voz pura e bela, e todos a ouvem, e se lembram.

Então, o General se levanta para falar. Ele cita o Salmo 85: "*O amor e a fidelidade se encontrarão; a justiça e a paz se beijarão.*" Ele então diz que durante a refeição conseguiu perceber que, de algum modo, a moralidade e a alegria, a ética e a sensualidade podem coexistir. Isak Dinensen resolve o enredo de forma bastante agradável. Os habitantes experimentam a cura da comunidade. Babette também é transformada. Ela se sentia como uma estranha na comunidade, mas agora se sente em casa; deixara de ser uma refugiada. Até o General parte sem levar consigo os arrependimentos que trouxe na ida.

Não obstante, a história não nos fornece uma resposta clara para a questão principal que ela apresenta tão bem. Tanto a vida mundana dos prazeres sensuais quanto a vida religiosa da rigidez ética falham em dar ao coração humano aquilo que ele busca. Kierkegaard, o grande filósofo dinamarquês que influenciou Isak Dinensen, chama essas duas vias de "estética" e "ética" e, em seus escritos, mostra que nenhuma das abordagens é adequada à vida. Mas qual seria a alternativa? Durante a festa de Babette, os presentes experimentam momentaneamente a sensação

mística em que as duas coisas — "a retidão e o deleite" — se misturam. Dinesen professa sua crença de que algo existe além dessas duas alternativas, algo que não é o egoísmo contido na via "estética" nem a severidade da via "ética". Ela não consegue encontrar maneira melhor de representar essa terceira alternativa do que com um belo banquete, uma grande festa.

A parábola de Jesus responde à questão que a história de Dinensen coloca de forma habilidosa. Jesus diz: "Eu sou o Pão do Céu." Jesus nos diz que tanto o caminho sensual do filho mais novo quanto o caminho ético do filho mais velho são becos sem saída espirituais. Ele também nos mostra que há uma alternativa através dele. Aceitar essa alternativa e viver uma vida baseada na salvação trará, por fim, a grande festa e o banquete do fim da história. Hoje podemos sentir o gosto da amostra dessa salvação futura por meio de todas as sugestões dadas neste capítulo, seja pela oração, seja pelo serviço aos outros, seja pelas mudanças na natureza interior por meio do evangelho, ou por meio do relacionamento curado que Cristo nos oferece. Mas são apenas amostras do que está por vir.

Neste monte o SENHOR dos Exércitos preparará um farto
banquete para todos os povos,
um banquete de vinho envelhecido,
com carnes suculentas e o melhor vinho.
Neste monte ele destruirá
o véu que envolve todos os povos,
a cortina que cobre todas as nações;
destruirá a morte para sempre.
O Soberano, o SENHOR, enxugará
as lágrimas
de todo rosto
e retirará de toda a terra
a zombaria do seu povo.
Foi o SENHOR quem o disse! (Isaías 25:6-8)

# Notas

1 O sermão foi publicado com o título "Sharing the Father's Welcome", em seu livro *Preaching Christ from All Scripture* (Crossway, 2003). Por três anos, ministrei um curso de graduação sobre a pregação em conjunto com o Dr. Clowney. Durante aquele período, compartilhei com ele o quanto havia crescido e quais eu considerava serem as implicações mais radicais dessa parábola de Jesus. Ele foi um grande entusiasta do material que hoje compõe este livro.

2 Consultei muitos outros comentários e estudos sobre o décimo quinto capítulo de Lucas, mas quero reconhecer uma dívida impagável que tenho pela obra de Kenneth E. Bailey *Finding the Lost Cultural Keys to Luke 15* (Concórdia, 1992) por muitas das inspirações sobre a cena cultural e histórica da parábola que uso neste volume.

3 J. R. R. Tolkien, *As Duas Torres* (Martins Fontes, 2000), p. 69.

4 Este diálogo é baseado em um exemplo de um sermão pregado por Richard Lucas, da igreja anglicana St. Helen Bishopsgate em Londres, Inglaterra.

5 O roteiro de *Witness*, escrito por Earl W Wallace e William Kelley pode ser encontrado em http://www.harrisonfordweb.com/Multimedia/witness.pdf (acessado em 31 de dezembro de 2007).

6 Flannery O'Connor, *Wise Blood: A Novel* (Farrar, Straus and Giroux, 1990), p. 22.

7 O roteiro da peça *Amadeus*, de Peter Shaffer, pode ser encontrado em http://www.imsdb.com/scripts/Amadeus.html (acessado em 30 de dezembro de 2007).

8 Em Lucas 18, Jesus conta a parábola de um coletor de impostos (um colaborador das forças de ocupação romanas) e de um fariseu. O fariseu é muito moralista e correto, mas satisfeito consigo mesmo, enquanto o coletor de impostos é um fracasso em termos morais, mas se arrepende. Jesus conclui, dizendo: "*Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado*" (Lucas 18:14). Compare também as palavras que Jesus usa para com os fariseus em Lucas 5:32: "*Eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento*", ele declara (Lucas 5:32).

9 Elisabeth Elliot, *These Strange Ashes* (Harper and Row, 1975), p. 132.

10 Richard Lovelace, *The Dynamics of Spiritual Life* (Inter-Varsity, 1979), p. 212ff.

11 John Steinbeck, *East of Eden* (Viking, 1952), p. 3. John Knowles, *A Separate Peace* (Macmillan, 1959), p. 45. Ambos são citados em C. Plantinga, *Engaging God's World: A Christian Vision of Faith, Learning and Living* (Eerdmans, 2002), p. 3. Minha ideia sobre saudade espiritual de casa se deve inteiramente ao primeiro capítulo desta obra.

12 C. S. Lewis, *The Weight of Glory and Other Addresses* (Simon and Schuster, 1996), pp. 28-29, 35-36.

13 W. Kimnach, K. Minkema, D. Sweeney, eds, *The Sermons of Jonathan Edwards: A Reader* (Yale, 1999), pp. 127-128.

14 Martinho Lutero, *A Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians* (James Clarke, 1953), p. 101.

15 C. S. Lewis, *The Four Loves* (Harcourt, 1960), pp. 61-62.